

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: INTERVENÇÕES CLÍNICAS E SOCIAIS

DA PARANÓIA À PSICOSE ORDINÁRIA
Núcleo Universitário Coração Eucarístico

LUCIA MARIA DE LIMA MELLO

Belo Horizonte
2006

LUCIA MARIA DE LIMA MELLO

DA PARANÓIA À PSICOSE ORDINÁRIA
Núcleo Universitário Coração Eucarístico

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtendo do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Processos de Subjetivação
Linha de Pesquisa: Intervenções clínicas e sociais

Orientadora: Doutora Ilka Franco Ferrari

Belo Horizonte
2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

M527p Mello, Lucia Maria de Lima.
Da paranóia à psicose ordinária / Lucia Maria de Lima
Mello. – Belo Horizonte, 2006.
108 f.

Orientador: Profa. Dra. Ilka Franco Ferrari.
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais, Instituto de Psicologia.
Bibliografia.

1. Paranóia. 2. Psicose. I. Ferrari, Ilka Franco. II. Pontifícia Universidade
Católica de Minas Gerais. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDU: 159.964.2

Bibliotecária – Valéria Inês Mancini – CRB -1682

Lucia Maria de Lima Mello

Da paranóia à psicose ordinária

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia, Belo Horizonte, em 06 de março de 2006.

Dra. Ilka Franco Ferrari (Orientadora) – PUC Minas

Dra. Elisa Alvarenga

Dr. Luis Flávio Couto – PUC Minas

RESUMO

Pesquisa teórica em psicanálise dos conceitos de paranóia, psicose e psicose ordinária. O autor de referência é Jacques Lacan e a investigação conduz ao desenvolvimento histórico dos conceitos, além de examinar seus efeitos sobre a subjetividade. O objetivo é delimitar, diferenciar e perceber as modificações sofridas pelo sujeito e o Outro na psicose. O método utilizado foi da leitura teórica comentada, no qual o resultado forneceu subsídios para uma compreensão mais ampla do trabalho na clínica contemporânea.

Palavras-chave: Paranóia, psicose, psicose ordinária, sujeito, Outro, inconsciente, imaginário, simbólico, real.

ABSTRACT

Theoretical research in psychoanalysis of the concepts of paranoia, psychosis and ordinary psychosis. The reference author is Jacques Lacan and the investigation leads to the historical development of the concepts beyond examining their effects on the subjectivity. The goal is to delimit, to differentiate and to perceive the modifications suffered for the subject and the Other in the psychosis. The used method was the commented theoretical reading in which the result supplied subsidies for an enlarged understanding of the work in the contemporary clinic.

Key-words: Paranoia, psychosis, ordinary psychosis, subject, unconscious, imaginary, symbolic, real.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 A PARANÓIA – LINHA DIVISORA DE ÁGUAS	17
2.1 A PSIQUIATRIA CLÁSSICA.....	17
2.1.1 Jacques Lacan e a psiquiatria clássica	19
2.1.2 Psicose infantil e a psiquiatria clássica	23
2.2 A LINHA DIVISORA EM FREUD	26
2.3 O DIVISOR DE ÁGUAS EM LACAN	34
3 O COGITO PARANÓICO - “EU PENSO, LOGO ELE GOZA”	39
- E OS CONCEITOS LIMITES	
3.1 O IMAGINÁRIO	43
3.2 O SIMBÓLICO	46
3.3 O REAL	55
4 A PSICOSE ORDINÁRIA	63
4.1 SE O OUTRO NÃO EXISTE	68
4.2 A DIALÉTICA ENTRE TIPOS CLÍNICOS E PSICOSE ORDINÁRIA ...	73
4.2.1 Esquizofrenia	75
4.2.1.1 <i>Debates sobre a esquizofrenia</i>	75
4.2.2 Melancolia	77
4.2.2.1 <i>Debates sobre a melancolia</i>	78
4.2.3 Mania	79
4.2.4 Paranóia	81
4.2.4.1 <i>Debates sobre a paranóia</i>	82
4.3 A DIREÇÃO DA CURA	86

5 A PSICOSE É QUESTÃO DO SUJEITO E DO FALASSER (PARLÊTRE)	90
5.1 PRODUZIR O SUJEITO?	91
5.2 UNERKANTE EM LACAN	95
5.3 FORCLUSÃO	96
6 CONCLUSÃO	101
REFERÊNCIAS	103

1 INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação será circunscrito ao âmbito da aporia psicanalítica nas duas dimensões contidas nessa palavra: enquanto passagem - significado etimologicamente advindo de *poros* – e enquanto ausência de passagem e de saída – indicado pelo prefixo deste termo. Há, portanto, de um lado, a passagem, travessia de conceitos ao lado da permanência de elementos e, por outro, o impossível, o limite da resposta. O trabalho com a aporia psicanalítica pôde ser demonstrado através de um corpo teórico cujos limites implicaram a formalização de uma escritura, reexaminada por Lacan durante seu ensino (MILLER, 1998). Entretanto, em lugar do impasse, a orientação lacaniana propõe ao sujeito a mudança discursiva, a pesquisa e a conversação sobre seus limites conceituais.

A psicose, particularmente a paranóia, foi situada por alguns autores como um divisor de águas na história da psicanálise, investigada desde 1896 nos estudos pré-psicanalíticos por Sigmund Freud, e amplamente estudada por Jacques Lacan a partir de sua tese de doutorado, em 1935. A tese constituiu para o autor um limite e um ponto de passagem entre epistemologias distintas - da psiquiatria clássica para a psicanálise.

As definições da paranóia situadas em tempos diferentes, desde as primeiras construções psicanalíticas de Freud e Lacan, chamam a atenção: em 1895, no *Rascunho H* (1969), Freud a define como psicose intelectual e como um modo patológico de defesa verificado pelo conteúdo inalterado das representações, inconciliáveis para o eu e pela projeção das representações para o mundo externo. “A idéia delirante é uma cópia da idéia rechaçada ou o oposto dela (megalomania)” (FREUD, 1969, p.283). A leitura do capítulo III da história de Schreber, conforme

indicam alguns psicanalistas, permite localizar em Freud indicativos a respeito da questão essencial da paranóia, situada na formação dos sintomas mais do que nos complexos ou fantasias (SCHEJMAN, 2004). A contribuição freudiana para o tema da paranóia foi fundamental como suporte de quase todo o desenvolvimento das concepções psicanalíticas posteriores sobre a psicose. Entretanto, ele estabelece um impasse ao manter até o fim de sua vida a indicação de que não havia aplicação da psicanálise para a clínica da psicose.

Lacan, em 1932, dirá que:

Podemos conceber a experiência vivida paranóica e a concepção do mundo que ela engendra como uma sintaxe original, que contribui para afirmar, pelos elos de compreensão que lhe são próprios, a comunidade humana. O conhecimento desta sintaxe nos parece uma introdução indispensável à compreensão dos valores simbólicos da arte e, muito particularmente, aos problemas do estilo [...] problemas sempre insolúveis para toda antropologia que não estiver liberada do realismo ingênuo do objeto. (LACAN, 1987, p. 380)

Em 1948, em *A agressividade em psicanálise*, Lacan (1998) investiga o estatuto original do eu narcísico, supostamente paranóico, capturado pela imagem ideal do outro, imagem simultaneamente amada e odiada. Por outro lado, esse estatuto original do eu será diferenciado da psicose como estrutura, portanto conduzindo à diferenciação entre o eu e o sujeito. Esses conceitos iniciais foram repensados, relidos, modificados pelos próprios autores em decorrência do desenvolvimento das respectivas investigações e da contribuição de outros psicanalistas. A investigação nesse campo, dentre outros caminhos, pode então indagar tanto as transformações sofridas na causalidade, nos sintomas da psicose e da paranóia, quanto suas conseqüências para a teoria psicanalítica e para a clínica contemporânea.

O trabalho lacaniano sobre o tema da psicose encontra-se diferenciado nos dois momentos e decorre de formalizações mais amplas, não excludentes,

comparativamente àquelas de Freud - conforme perspectiva que será desenvolvida nos próximos capítulos - pensadas a partir de epistemologias diversas, ou seja, o estruturalismo, seguido da lógica e da topologia. Essa partição, nem sempre rigorosamente datada, em dois grandes momentos do ensino de Lacan, foi proposta por Jacques-Alain Miller (2003) e por vários autores do Campo Freudiano. Estes situam ainda alguns Seminários como pontos de torção, passagem, novas perspectivas abertas pelo exame exaustivo de questões cruciais, tais como o conceito de inconsciente, o lugar do sintoma, o estatuto do ser e do sujeito, o objeto e o gozo.

No primeiro ensino, a psicose representa uma das estruturas clínicas demarcada por uma causa precisa, a forclusão do primeiro significante, o Nome-do-Pai. Partindo desse ponto de ruptura, que Lacan nomeia desencadeamento, três efeitos diversos serão reconhecidos: paranóia, esquizofrenia e melancolia. Essas manifestações não constituem quadros clínicos tomados apenas descritivamente, mas indicam posições subjetivas passíveis de trânsito dentro da mesma estrutura. Nessa concepção, o sujeito do inconsciente é pensado a partir dos registros simbólico e imaginário, do registro fálico, portanto da linguagem, e do discurso do Outro, o que conduz à prática do deciframento na referência à neurose. O sintoma consistirá um uso particular do simbólico que fixa o sujeito em determinados modos de gozo.

A pesquisa lacaniana considerada no registro do real conduzirá à releitura das posições subjetivas, sem, entretanto, excluí-las, mas concebendo-as como modalidades particulares de enlaçamento das proposições real, simbólico, imaginário. O conceito de inconsciente também se modifica, pois no segundo ensino torna-se escritura, letra de gozo que comporta afetos fora da apreensão pela

linguagem. Na perspectiva topológica, a partir das referências aos nós borromeanos, Lacan estuda sintomas diversos de origem simbólica, que se inscrevem no real e são concebidos como antinômicos ao sentido, à lei. Portanto, a prevalência não é do ser, que como efeito de palavra pulsava, representado como falta-a-ser. A noção inicial de estrutura da linguagem é modificada em escrituras discursivas, um discurso sem palavras. A partir de novos paradigmas clínicos, Lacan propõe o exame dos empregos particulares de *alingua* (lalangue), localizável em um tempo anterior ao código de linguagem e fora da comunicação. Nesse tempo, a referência é a psicose.

O corpo teórico da psicanálise é assim modificado em seus fundamentos, através da investigação lacaniana, em decorrência da mudança de axioma, quando examinado através das perspectivas diversas, nos registros do simbólico, imaginário, real. Essa mudança permite tanto reler o primeiro paradigma freudiano, a psicose extraordinária de Schreber, quanto examinar uma nova questão preliminar descortinada pela noção de psicose ordinária.

A psicose ordinária é um nome que representa as formas contemporâneas da psicose, e que difere da psicose extraordinária porque acarreta tanto uma multiplicidade de soluções tais como a psicose tratada, compensada, suplementada, não desencadeada, medicada, quanto a ausência de desencadeamento típico, ou seja, sem fenômenos elementares e grandes construções delirantes. A psicose ordinária representa, segundo a expressão de Eric Laurent (1999, p.16), citada na *Convenção de Antibes*, formas de “desligamentos progressivos do Outro” que demonstram um encontro com o real sem mediação simbólica ou imaginária.

Da paranóia à psicose ordinária é um título que pretende percorrer e indagar momentos diferentes da contribuição de Jacques Lacan para o tema da psicose, fundamental para a abordagem da clínica psicanalítica contemporânea. A

dissertação situa duas perguntas que decorrem desse percurso histórico sobre o tema:

1. A psicose ordinária, contemporânea, apresenta formas de desligamentos progressivos do Outro, mas a paranóia parece tentar responder a um paradoxo: Se há forclusão, há resposta do Real, e esta não pertence ao Outro. De que modo ocorre a aparente conciliação entre a resposta do real e o Outro?

2. Considerando as *Conversações de Antibes e Arcachon*, assim como as conversações promovidas atualmente pelo Campo Freudiano, quais as implicações para o manejo do tratamento do sujeito psicótico?

O procedimento metodológico que se utilizará nesta dissertação será a pesquisa teórica comentada. Jacques Lacan será o autor de referência central para a pesquisa, mas, também, serão consultados autores contemporâneos que desenvolveram seus escritos a partir da orientação lacaniana. A pesquisa teórica será ilustrada por exemplos colhidos na prática institucional e particular de casos clínicos publicados e debatidos nas Conversações nacionais e internacionais, a partir das apresentações de pacientes.

O tema será desenvolvido em quatro capítulos, após uma breve introdução:

Capítulo 2. A paranóia - linha divisora de águas

O capítulo dois abordará o conceito de paranóia através do sintagma “um divisor de águas”, empregado por Lacan (1985) no *Seminário 3*, que enuncia alguns limites conceituais. A paranóia pode representar um dos exemplos da diferença conceitual entre Freud, Lacan e a psiquiatria clássica, entre Lacan e Freud, entre os diferentes tempos do ensino lacaniano. A paranóia foi introduzida na nosologia alemã como um delírio sistematizado primitivo, limitado a uma perturbação intelectual, e estudada inicialmente na psiquiatria clássica como “um delírio sem

evolução para a desagregação e a demência” (MAZZUCA, 2004, p.56). Na psicanálise, a paranóia foi introduzida como psicose extraordinária, na qual sua etiologia, seus sintomas, sua clínica foram demonstrados a partir da manifestação do conceito de defesa, dos fenômenos elementares e do desencadeamento. Deve-se, portanto, examinar os conceitos que compuseram o histórico da paranóia e que serviram de demarcação e passagem dentro do corpo teórico da psicanálise. Há que se diferenciar a estrutura clínica do narcisismo original e extrair desse contraponto possíveis conseqüências.

Capítulo 3. O cogito paranóico - “Eu penso, logo ele goza” - e os conceitos limites

Nesse capítulo, será desenvolvido o *cogito*, o modo de pensar privilegiado na paranóia, tal como foi proposto por Miller (1996). Localizado inicialmente na dupla posição de Schreber, na dupla recusa da falta-a-ser, pois se o gozo é situado no lugar do Outro, ocorre identificação do gozo e do saber. Na paranóia, o *pequeno a* e o Outro confluem, o que é manifestado no sentimento, na certeza de que o Outro goza do sujeito. Em decorrência disso, surge a confluência das metáforas delirantes, que promovem as substituições nos efeitos do sentido, e da metonímia do gozo. A agressividade e as passagens ao ato paranóicos decorrem da peculiaridade desse cogito, enquanto a escritura do gozo fora da palavra surge na clínica quando evidencia que o sujeito paranóico inventa-se como causa de um desejo infinito.

A paranóia é examinada através dos três registros que demarcaram o ensino de Lacan - Imaginário, Simbólico, Real - e de cada um deles o autor demonstra soluções subjetivas diversas. Entretanto, um modelo que se apóia no desencadeamento e no Outro encontra um limite para se considerar as psicoses fora do desencadeamento. A mudança de axiomática lacaniana promove novas perspectivas para o sintoma.

Capítulo 4. A psicose ordinária

A psicose ordinária foi discutida inicialmente nas Conversações de Antibes e Arcachon na França, em 1998 e 1999. Essas Conversações foram realizadas por psicanalistas do Campo Freudiano que investigaram, à luz das últimas contribuições do ensino de Lacan, vários exemplos da clínica da psicose contemporânea. Dentre os novos conceitos estudados, destacam-se as psicoses fora do desencadeamento, que privilegiam um enfrentamento do sujeito com o vazio da significação e um surgimento, um começo, por vezes sutil, imperceptível, que pode ser confundido com sintomas de natureza diversa, que afetam o corpo. Embora as diferentes posições subjetivas entre esquizofrenia, paranóia e melancolia permaneçam, a psicose ordinária ressalta, privilegia a pluralização dos nomes, dos usos possíveis da letra.

Destaca-se, nesse momento, a investigação sobre uma perspectiva comum entre neurose e psicose: o vazio enigmático de significação e o enigma do gozo. Nessa zona de interseção, o *sinthoma* tem lugar. (MILLER, 1997)

A investigação abordará as principais questões teóricas que decorrem da mudança de perspectiva lacaniana: novas formas de suplência, outro conceito de sintoma, a utilização do conceito de *alingua* (lalangue). Como consequência disso, tem-se um manejo que considera a clínica como constituída por sucessivos desligamentos e religamentos entre os três registros e que privilegia os modos de conexão singulares. Estão em jogo as suplências *sinthomáticas* e os nomes. Os exemplos clínicos advêm das Conversações de Arcachon e Antibes e dos trabalhos clínicos, publicados pelo Campo Freudiano, que demonstram a perspectiva da psicose ordinária. As Conversações constituem tentativas de formalização das questões que ficaram em aberto e foram colhidas nos Seminários de Lacan, nos

anos de 1970 a 1975. Portanto, trazem a marca da incompletude, de um trabalho que se realiza no campo do real. Simbólico, Imaginário, Real são revistos como essência do nó borromeano.

A releitura dos conceitos de ego e personalidade, promovida por Lacan no *Seminário Le sinthome*, contribui decisivamente para diferenciar comunicação e nominação, porque os acontecimentos de corpo, um corpo afetado pelo gozo, promovem a falha nos efeitos de sentido.

Capítulo 5. A psicose é questão do sujeito e do falasser (parlêtre)

A pesquisa promovida na clínica psicanalítica da psicose, ao mesmo tempo em que conduz ao estudo do real, disjunto do saber, delineia que: “A psicose é questão de sujeito – pois ela assim mesmo nos conduz aos confins de sua produção” (MILLER, 1996, p.160), ou seja, o objeto na condição de puro real obriga o sujeito psicótico a um trabalho incessante de invenções, remédio ou solução que constituem formas diversas de comentar uma mesma estrutura.

Lacan traz uma contribuição fundamental para o capítulo do pensamento humano quando indaga e examina os limites do pensamento em um diálogo constante com filosofia concluindo sua obra por esse exame nos registros do real, simbólico e imaginário. Com isso demonstra a falha irremediável, o limite do pensamento no gozo, no corpo, na impossibilidade da relação sexual, na falta de um significante no campo do Outro, em um conjunto de experiências que afetam o sujeito, mas que se encontram fora de sentido, podendo ser diversamente nomeadas. O pensamento encontra seu limite no real resultando para o humano duas possibilidades ou a loucura ou a debilidade do mental. Essa é uma questão que Lacan deixa como herança para ser trabalhada pelo campo freudiano.

Em decorrência da mudança de axioma na obra de Lacan, o estatuto do sujeito implicará outro lado, outra face, cujo gozo e corpo implicam outra relação com o tempo. Se o sujeito como efeito do significante é sem substância, o ser falante encontra seu estatuto na materialidade do corpo. Trata-se de uma das conseqüências da estrutura no real, que tem efeitos decisivos sobre a clínica contemporânea.

6 Conclusão

O percurso histórico no tema da paranóia à psicose ordinária implica o exame de hipóteses e termina por ensinar que a clínica do real descortina novas perspectivas que contribuem para aclarar o paradigma constante: a disjunção entre o sujeito e o Outro.

2 A PARANÓIA – LINHA DIVISORA DE ÁGUAS

A paranóia foi um dos conceitos que a epistemologia psicanalítica herdou da psiquiatria clássica. Entretanto, trata-se de uma herança cuja história é marcada por descontinuidade e sucessivas reformulações, por vezes representativas de uma “linha divisora de águas”, sintagma utilizado por Lacan (1981, p.12) em 1955. Determinante também das diferenças estabelecidas por esse autor entre psiquiatria e psicanálise, das diferenças entre Freud e a psiquiatria, entre Lacan e Freud. A psicanálise mantém, até a atualidade, interlocução com a psiquiatria e esse debate que assume contornos marcados pela dissimetria e rupturas, circunscreve, necessariamente, a psicose, sua clínica e tratamento.

2.1 A PSIQUIATRIA CLÁSSICA

Um breve histórico da paranóia a partir de seu ponto de origem - a psiquiatria clássica - fornece esclarecimentos interessantes. Alguns autores representativos de duas principais escolas de psiquiatria européias, alemã e francesa, são escolhidos para elucidar essa perspectiva na vastidão oferecida pelas diversas vertentes da psiquiatria.

A escola alemã, no início do século XIX, utilizava os termos *Wahnsinn* (mania, loucura, demência, delírio), *Verrücktheit*, (*loucura, demência*), e paranóia ao descrever uma síndrome delirante e alucinatória, sem déficit intelectual, crônica e relativamente sistematizada. Essa concepção, advinda de J. C. Heinroth, em 1818, era partilhada por grandes nomes da psiquiatria da época. Em 1845, W. Griessinger,

considerado o fundador da escola psiquiátrica alemã, propõe uma nosologia que considerava a precedência do surgimento da *Verrücktheit* associada um período primário de perturbação afetiva, com sintomas melancólicos e maníacos. Além disso, propunha um modelo do funcionamento mental: há representações em luta para ocupar o campo da consciência e transformar-se em atos. O eu se modifica segundo o tempo e as circunstâncias, e esse modelo é aplicado à loucura (MAZZUCCA, 2004). Essa concepção, retomada posteriormente por Freud na perspectiva da psicanálise, surge em outro contexto do eu e das representações inconscientes, não mais do indivíduo.

A nosologia de Griessinger é construída sobre a noção do ciclo unitário das psicoses, ou seja, a idéia de formas clínicas diversas que seriam fases sucessivas de uma mesma enfermidade. Essa concepção é também partilhada por Pinel e Esquirol, embora estes defendessem a idéia da loucura como um gênero unitário e cada entidade clínica como formas sucessivas de degradação involutiva. (MAZZUCCA, 2004)

R.von Krafft-Ebing, em 1879, define a paranóia como uma síndrome de delírios crônicos sistematizados, na qual as representações apresentam coerência interna, diferenciada das formas agudas. Em 1899 - essa data é variável segundo as edições de seu *Tratado de psiquiatria* - Emil Kraepelin propõe uma delimitação precisa do termo paranóia, separando-a definitivamente das formas agudas, dentre as quais era confundida com manifestações diversas da esquizofrenia. Kraepelin define a paranóia como:

grupo de casos segundo os quais se desenvolve, precoce e progressivamente, um sistema delirante inicialmente característico, permanente e inquebrantável, mas com total conservação das faculdades mentais, e da ordem dos pensamentos da vontade e da ação. (MAZZUCCA, 2004, p.60)

A psiquiatria francesa, através de P. Sérieux e J. Capgras diferencia e acrescenta às descrições de Kraepelin formas de delírios interpretativos e reivindicativos, que permitirão à Clérambault o esclarecimento dos delírios passionais, diferenciados dos delírios de reivindicação, de ciúme e da erotomania (MAZZUCCA, 2004). Acrescenta-se a contribuição de Clérambault para a erotomania, como a ilusão delirante de ser amado, e para o diagnóstico de psicose fundamentado nas formas do surgimento dos delírios, no automatismo mental – descrito como *fenômeno primordial* - e diferenciado das formas de psicose em que predomina a alucinação crônica.

Em alguns manuais de psiquiatria encontra-se a descrição pormenorizada dos delírios crônicos, diferenciados pelas formas evolutivas deficitárias. No capítulo referente a esses delírios, a paranóia é tratada de forma secundária. Diferenciada da esquizofrenia, sua manifestação é reconhecida nos delírios sistematizados, passionais e de reivindicação, sem evolução deficitária. (EY, 1969)

2.1.1 Jacques Lacan e a psiquiatria clássica

Em 1932, Lacan (1987) publica sua tese de doutorado em medicina: *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. No capítulo I, esclarece que, em 1818, o termo paranóia foi empregado pela primeira vez na Alemanha por Heinroth e em seguida desenvolvido pelas três escolas de psiquiatria européias, alemã, francesa e italiana. Lacan é contundente em sua crítica ao sentido e emprego do termo, e cita Séglas quando este diz que a paranóia era uma palavra que em psiquiatria tinha “a significação mais vasta e pior definida” (LACAN, 1987, p.10) e que era a noção mais inadequada à clínica.

Ressalta que, para Kraepelin, a entidade da afecção se depreende do estudo de sua evolução, que exclui a evolução demencial sem causa orgânica subjacente. Lacan reconhece no trabalho desse autor o rigor nosológico de sua obra, a maturidade do trabalho de delimitação conceitual da paranóia.

Ele comenta Krestschmer e sua contribuição para o estudo dos delírios paranóicos, ao diferenciar nas causas dos delírios três elementos: o caráter, o acontecimento vivido, o meio social - e destacando as reações psíquicas aos acontecimentos, seu caráter vital e o valor significativo.

Quanto a Jaspers, Lacan diz da atenção especial que aquele autor concedeu ao estudo das experiências paranóicas, observando os sentimentos marcados por expectativa indefinida, inquietude, desconfiança, tensão, sentimento de perigo ameaçador, estado de temor, pressentimento. Comenta o conceito maior de Jaspers, o processo psíquico, que representa uma mudança na vida psíquica do doente, no qual as ilusões desempenham um papel preponderante. Diferencia ainda processo psíquico das reações, fases e períodos, dos processos físico-psicótico, além de estudar os delírios de ciúme, diferenciados das idéias de perseguição e sua interferência na personalidade.

A tese de doutorado de Lacan (1987, p.354), que teve na fenomenologia um marco de reflexão e Karl Jaspers como autor de referência, apóia uma parcela dos argumentos na psiquiatria alemã, embora as referências ao seu mestre Clérambault o acompanhem para além da tese em grande parte do seu primeiro ensino. Essa tese indagou a psicose paranóica sob a égide dos conceitos de personalidade e desenvolvimento, a partir dos quais o autor propõe os conceitos de paranóia de autopunição e de reivindicação. Inicia, entretanto, no capítulo II, o emprego de conceitos psicanalíticos freudianos, tais como libido, objeto, investimento,

narcisismo, incorporação, identificação, inconsciente. A conseqüência desse emprego é interessante, pois o conceito de personalidade, tal como consta na frase “desenvolvimento da personalidade do sujeito”, depois de ser examinado em diferentes perspectivas a partir da análise dos sintomas clínicos, é remanejado, adquirindo o sentido de “acontecimentos da história, progressos da consciência e reações ao meio social“. Evidencia-se na tese a sutil travessia entre dois campos epistêmicos.

O estudo pormenorizado do caso Aimée conduz à hipótese da paranóia de autopunição, na qual são diferenciados o diagnóstico, prognóstico, profilaxia e tratamento. O início da psicose é brutal, no qual surge o período de estado com a sistematização do delírio e os fenômenos elementares, como ilusões da percepção, da memória e sentimento de transformação do mundo externo, dentre outros. As idéias de perseguição são prevalentes, nas quais o perseguidor (amado-odiado) é sempre do mesmo sexo que o sujeito. As idéias de ciúme, grandeza e a erotomania apresentam o caráter do platonismo ou idealismo apaixonado. Lacan observa ainda a importância das reações agressivas e a satisfação da pulsão auto-punitiva, realizada com a pulsão agressiva.

Em 1948, no artigo *A agressividade em psicanálise*, Lacan (1998, p.113) reexaminará a questão da tendência agressiva nos “estados significativos da personalidade que são as psicoses paranóides e paranóicas”, tratando a primazia do ato agressivo ao desfazer a construção delirante.

Uma das grandes questões presentes na tese de Lacan (1987) é o exame das relações da paranóia com a personalidade. Em suas conclusões críticas, dogmáticas e hipotéticas, diferencia três indicações de pesquisa diversas, que serão

retomadas e reexaminadas pelo próprio autor, mas tendo a psicanálise como referência teórico-clínica.

Quanto ao tratamento, Lacan argumenta que a psicanálise oferece a técnica que permite maior aproximação do estudo experimental do sujeito. Suas conclusões hipotéticas são interessantes porque reúnem numa só frase termos que pertencem à fenomenologia e à psicanálise. Essas hipóteses têm o mérito de elucidar tanto o conceito de psicose paranóica, quanto um estudo realizado em um ponto de passagem entre dois campos teóricos, tal como se depreende da citação:

A paranóia de autopunição e paranóia de reivindicação formam um grupo específico de psicoses, que são determinadas, não por mecanismo dito passional, mas por parada evolutiva da personalidade no estágio genético do Superego. (LACAN,1987, p.357)

Lacan indica ainda, como hipóteses de pesquisa, as idéias delirantes hipoconcríacas e os temas delirantes de significação homossexual, como sintomas que poderão fornecer esclarecimentos nosológicos e clínicos. Além disso, propõe que seu método possa apreciar diferencialmente: as situações vitais e infantis que determinam a psicose; os tipos de estrutura conceitual pré-lógica, revelados pela psicose, e as pulsões agressivas e homicidas que implicam a responsabilidade do sujeito.

Efetivamente, Lacan retornará em diversos momentos de seu ensino às hipóteses propostas em 1935 e extrairá contribuições tanto para o tema da psicose e da paranóia, quanto para a psicanálise de modo mais amplo. As conseqüências dessa releitura de sua própria tese repercutiram e modificaram a experiência psicanalítica. O parágrafo extraído de seu *Seminário* de 1975, *Le sinthome*, elucida essa afirmação e contribui para justificar o título do capítulo da presente dissertação:

Houve um tempo, antes que eu estivesse na via da psicanálise, no qual caminhei numa certa via, aquela de minha tese *Da psicose paranóica em suas*, eu disse, *relações com a personalidade*. Se,

durante muito tempo, resisti à sua publicação, é simplesmente porque a psicose paranóica e a personalidade como tais não têm relação pela simples razão que são a mesma coisa. (LACAN, 2005, p.53, tradução nossa)

Em seguida, ele esclarece que os três registros, imaginário, simbólico e real, possuem uma mesma consistência, portanto, continuidade, o que demarca e diferencia a psicose paranóica no segundo momento de seu ensino. Essa questão, que será desenvolvida nos próximos capítulos da dissertação, justifica a afirmação de que a paranóia opera uma linha divisora de águas entre Lacan e a psiquiatria clássica.

2.1.2 Psicose infantil e a psiquiatria clássica

O *Manual de psiquiatria infantil* de J. de Ajuriaguerra (1985), professor do Collège de France e Coordenador do Serviço Médico-pedagógico em Genebra, constitui mais uma referência para a pesquisa sobre o histórico da paranóia a partir das contribuições da psiquiatria clássica.

O aspecto prevalente para o tema advém das indagações de Lacan, em 1932, sobre a determinação da psicose na infância, retomadas em 1967, na *Allocutions sur les psychoses de l'enfant* (2001), assim como sobre os pontos de fixação da libido, anteriormente estudados por Freud, questão que mereceu a pesquisa e indagação mais ampla de vários psicanalistas pós-freudianos, como se verá a seguir.

No capítulo inicial sobre a história e as origens da psiquiatria infantil, Ajuriaguerra (1985) informa que seus precursores foram educadores, como o beneditino Ponce de Léon que, no século XVI, escreveu os primeiros ensaios sobre a educação de surdos-mudos. No século XIX, Seguin e Pestalozzi trouxeram contribuições sobre o trabalho educativo com crianças retardadas e idiotas, seguido

de Esquirol e Claparède em 1898, em uma perspectiva mais ampla da psiquiatria geral. Além do trabalho educativo, a psiquiatria infantil teve, desde seu início, uma abordagem pluridimensional, encontrando-se na encruzilhada de diversas disciplinas, tais como: pediatria, neurologia, pedagogia, sociologia, psicologia.

As contribuições da pesquisa psicanalítica para a clínica com crianças decorreram dos trabalhos de Anna Freud, Melanie Klein, Winnicott a partir de 1935. Além da psicanálise, a psiquiatria infantil se enriqueceu com a psicologia genética de Piaget e Wallon.

O capítulo dedicado à psicose infantil comporta as descrições da esquizofrenia infantil, a partir dos trabalhos de H. Potter, em 1933, e do autismo infantil descrito por L. Kanner em 1943. Todavia, é interessante a afirmação de Ajuriaguerra de que são encontrados com frequência tipos de sentimentos delirantes e episódios confuso-oníricos infantis, embora se discuta a existência de delírios sistematizados na criança, é conjectura não verificada.

A curiosidade é que não há qualquer menção à paranóia na criança. Com respeito à psicose infantil, a encruzilhada de diversas disciplinas é verificável tanto em Ajuriaguerra, quanto em outros autores que contribuem para o *Manual de psiquiatria infantil*. Apesar da amplitude das investigações e descobertas psicanalíticas mencionadas naquela publicação, a psicanálise é referida como uma prática que aborda a perspectiva do desenvolvimento do indivíduo, afirmação contraposta às pesquisas de Freud e Lacan.

Essa ausência de especificidade da paranóia na criança é também encontrada nos psicanalistas pós-freudianos, conforme demonstra a resenha elaborada por Michel Ledoux (1984), *Conceptions psychanalytiques de la psychose*

infantile, na qual o autor destaca nos pós-freudianos, após examinar treze autores, diferentes orientações psicanalíticas sobre o tema.

Nessa resenha, menciona particularmente a esquizofrenia, o autismo e a debilidade, cujos sintomas são mais claramente manifestos e, portanto, passíveis de um diagnóstico preciso. O autor, quando se refere à psicose infantil de forma mais ampla, descreve-a no singular, em suas relações com a família, a pulsão, as fantasias parentais, a sociedade e a cultura.

Essa perspectiva, que de certo modo se coaduna com aquela encontrada pela psiquiatria infantil, é corroborada por Lacan, guardadas as devidas diferenças, quando este se refere à psicose infantil. Sua *Allocutions sur lês psychoses de l'enfant* (2001), de 1967, fornece elementos fundamentais que constituem indicações muito precisas para uma pesquisa sobre a psicose infantil. Dentre eles, destaca-se a psicose assistida nas instituições, a questão da liberdade, a angústia, o gozo, a identificação e, sobretudo, as devastações sofridas pela criança em decorrência da resposta ao lugar de objeto que seu corpo pode ocupar na fantasia materna.

Essas sugestões de Lacan foram tomadas a sério por diversos psicanalistas que investigam e acolhem a psicose infantil, como se pode notar nos trabalhos de Rosine e Robert Lefort, Maud Mannoni e nas publicações dos grupos de pesquisa europeus e americanos que compõem os Institutos do Campo Freudiano, tais como: Rede Cereda, Réseau International D'institutions Infantiles (RI 3), Antenne 110, Le Courtil, Diagonal hispanohablante, P.I.P.O.L, Núcleo de pesquisa em psicanálise com crianças do Instituto de psicanálise e saúde mental de Minas Gerais.

A extensão desses trabalhos é muito ampla e um comentário mais elucidativo sobre a riqueza dessa temática ultrapassaria os limites desta dissertação.

Retornando a Lacan, encontra-se a afirmação reiterada de que a paranóia não é verificável na criança, embora a psicose infantil revele matizes cada vez mais surpreendentes e se apresente mesclada por construções delirantes e sintomas corporais que se manifestam claramente, conforme asseveram as publicações mais recentes. Essa é também uma questão que possibilitaria uma outra pesquisa e que ultrapassaria os limites desta investigação.

2.2 A LINHA DIVISORA EM FREUD

A obra de Sigmund Freud, criador da psicanálise, escrita no período de 1894 a 1938, encontra-se impressa – a referência é dos livros publicados em português - em 23 volumes.

Considerando a precocidade e amplitude dos artigos de Freud que tratam do tema da paranóia, optou-se por agrupar esses artigos em três grandes momentos e demarcar-lhes as diferenças. É oportuno assinalar que nessa obra vasta é assinalável um ponto de torção, representado pelo estabelecimento do conceito de pulsão de morte em 1919-20, promotor de uma mudança significativa na construção teórica da psicanálise freudiana e sua incidência nos artigos escritos posteriormente à data.

O primeiro registro da paranóia em Freud (1977) surge no *Rascunho H*, de 1895, no qual a paranóia é descrita por Freud como um modo patológico de defesa do aparelho psíquico, diante de representações inconciliáveis com o eu e que são projetadas para o mundo exterior. Esse modo patológico de defesa foi encontrado por Freud também na histeria, na neurose obsessiva e na confusão alucinatória. No *Rascunho K* (1977), de 1896, examina o sintoma primário que é formado pela

desconfiança. O elemento básico é o mecanismo da projeção, mas na paranóia a repressão se faz após um pensamento complexo e consciente que implica a recusa da crença.¹

No período de 1893 a 1906, Freud irá pouco a pouco esclarecer os modos de defesa e recalque, distinguindo progressivamente daqueles apresentados pela neurose obsessiva, pela histeria, pela paranóia e pela demência precoce.

O que chama a atenção nos artigos que compõem esse primeiro momento é que, embora Freud utilize a palavra etiologia e descreva uma experiência primária dos sintomas, o sentido desse termo difere daquele tomado pela psiquiatria. Ele situa a etiologia como causa sexual, tal como encontra na *Análise de um caso de paranóia crônica* e nas *Novas pontuações sobre as neuropsicoses de defesa*, de 1896. Segundo Freud (1969, p.183), “na etiologia da paranóia encontram-se as mesmas vivências sexuais da primeira infância da histeria e neurose obsessiva”.

O conceito de defesa que está presente desde os primórdios das descobertas freudianas será retomado e relido nos dois tempos do ensino de Lacan. Destaca-se a leitura que este conduz, em 1959, do Cap. VII do *Projeto para uma psicologia científica*, quando demonstra que, no início da vida de uma pessoa, as oposições entre princípio do prazer e princípio de realidade acarretam a defesa como um fundamental elemento de ligação, de algo que pode ser identificado pela consciência. Nos processos internos, o sujeito recebe apenas sinais de prazer ou pena. O objeto hostil, a dor, só é sinalizado na consciência, quando faz o sujeito soltar um grito que, por sua vez, cumpre a função de descarga. Com isso, Lacan (1997) demonstra que a defesa começa a existir antes do recalque, e vem constituir um paradoxo da relação ao real, posto que o inconsciente não revela outra estrutura

¹ Na obra de Freud, o termo “Verdrängung”, traduzido por repressão, significa recalque

senão a da linguagem. A dor e o grito surgem como traço, sinal diferencial entre prazer e realidade, mas situado fora do inconsciente, no real.

O segundo marco diferencial sobre a paranóia na obra freudiana pode ser encontrado em 1911 (1969), nas *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)* - análise da autobiografia de Paul Daniel Schreber. Nesse momento, Freud (1969) apresenta argumentos sobre a paranóia que, por sua relevância, foram reexaminados e ampliados em seus artigos subseqüentes, assim como por diversos autores psicanalíticos. Esses elementos possuem o mérito de jamais serem apenas descritivos e a análise dessa autobiografia tornou-se, segundo o desenvolvimento que lhe conferiu Lacan, o primeiro paradigma sobre o tema da paranóia demonstrado pela psicanálise.

As tentativas de interpretação, que têm como referência esse texto ímpar, apóiam-se no que Freud nomeia sua “técnica psicanalítica habitual”. Utilizando-se dessa técnica, indício de um procedimento padrão, ele parte das declarações delirantes do paciente e se deixa guiar por sua frase, sua “maneira paranóica de expressão”, assim como pela causa ativadora da enfermidade, que na paranóia é situada na manifestação da libido homossexual e na defesa projetiva contra esse desejo. No caso de Schreber, os objetos desse desejo foram o médico Fleschsig e Deus. A luta inicial “contra a realização de desejo assintótica” (FREUD, 1969, p.68) sucumbe na metamorfose d’A mulher de um Deus absoluto, e os sintomas decorrem da luta de Schreber contra seus impulsos. A emasculação tornava-se consoante com a Ordem das coisas.

Em outros momentos de seu artigo, Freud reafirmará que a etiologia sexual é óbvia na paranóia e que esse desejo se manifesta em uma gramática própria, demonstrada no sexo masculino em três proposições: “eu não o amo”; “eu o odeio”;

“ele me odeia”, desdobrada em “ele me persegue”. Portanto, os delírios de perseguição decorrem da percepção externa de ser amado e, nessa gramática, Freud diferencia três manifestações delirantes: os delírios de ciúme contradizem o sujeito; os delírios de perseguição contradizem o predicado; a erotomania, contradiz o objeto.

As projeções delirantes dos quatro delírios principais - perseguição, erotomania, ciúme e megalomania - surgem em consonância com essa gramática subjetiva e constituem para Freud a característica principal da formação de sintomas na paranóia.

Freud situa na paranóia a fixação da libido entre o auto-erotismo e o narcisismo, a megalomania e o desligamento progressivo da libido anteriormente investida em outras pessoas. Esse movimento é silencioso e só é inferido por acontecimentos subseqüentes, o que conduz Freud a demarcá-lo como um mecanismo essencial e regular de toda “repressão”,² não sem advertir que o que foi internamente abolido retorna desde fora, indicativos de outro mecanismo diverso da repressão. Ao mencionar este outro mecanismo, Freud utiliza o termo alemão *Verwerfung*, mas cujo emprego difere da tradução e da precisão que Lacan confere posteriormente.

É ainda importante a afirmação freudiana de que a paranóia “deve ser mantida como um tipo clínico independente” (FREUD, 1969, p.100), apesar de notar em alguns casos a presença de características esquizofrênicas. Ele conclui seu artigo ratificando as duas teses principais sobre a teoria da libido “nas neuroses e nas psicoses” (p.104) que desenvolverá posteriormente nos textos metapsicológicos: *Neurose e psicose* e *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Deve-se

² Escrita entre aspas no texto em português (1969b, p.90)

ressaltar que no pós-escrito às *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)* Freud faz um breve comentário sobre a ligação entre as crenças delirantes e sua relação com a mitologia, já tratada anteriormente, e à qual ele acrescentará novos elementos em artigos subseqüentes.

Podem ser reunidos nesse segundo momento os *Artigos sobre metapsicologia*, de 1915, nos quais Freud trabalhará intensamente os conceitos de inconsciente, pulsão, recalque. Destacam-se, nesse momento, três artigos: *Luto e melancolia* (1917), no qual, em decorrência do trabalho sobre os investimentos libidinais e as identificações regressivas que formam o núcleo do supereu, ele dirá que os impulsos hostis contra os pais surgem na paranóia como o cerne dos delírios de perseguição.

O segundo destaque é *Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença* (1924). O interesse maior desse artigo é que se trata de um caso de paranóia feminina que permite a Freud a confirmação do conceito formulado em sua análise de Schreber, da ligação entre paranóia e homossexualismo. Esse artigo permite a Freud articular ainda as fantasias sexuais, a inércia psíquica e a fixação (adesividade da libido), e trabalhar o tema das fantasias primevas e o papel preponderante da mãe, ou sua representante, no delírio, como uma personagem observadora, perseguidora hostil e malévola. Freud menciona o *ruído acidental*, que desempenha o papel de fator provocador nessa fantasia, uma variante da *causa acidental* mencionada anteriormente e que mereceu várias considerações interessantes.

Outro artigo representativo desse período é *Sobre o narcisismo: uma introdução*, no qual a ênfase recai no trabalho sobre a diferença sexual, a função de ideal, a diferença entre libido do eu e do objeto, e onde ele dirá que encontra “a

freqüente acusação da paranóia por um dano ao ego e frustração dos ideais” (FREUD, 1969, p.118). A voz do supereu manifesta-se nos “delírios de ser notado ou vigiado”, que constituem sintomas prevalentes nas “doenças paranóides” (p.112), além de voltar a destacar a libido de natureza homossexual, verificada nos delírios.

O terceiro marco diferencial da paranóia, na obra freudiana, encontra-se em quatro artigos e um verbete, situados depois de 1919. O que motivou o agrupamento é que, nesses artigos, a paranóia aparece mencionada de forma mais genérica, ao mesmo tempo em que Freud enuncia claramente a dúvida quanto aos efeitos promovidos pela psicanálise no tratamento da psicose.

No artigo *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo*, de 1922, Freud (1969, p.273) diferencia três graus de ciúme: competitivo ou normal; projetado; delirante. Este último é encontrado nas formas clássicas da paranóia e ocorrem como defesa contra os impulsos homossexuais. Ele afirma que “os casos de paranóia não são sensíveis à investigação analítica” e, em seguida, cita dois fragmentos de paranóia que lhe permitem reafirmar que os paranóicos projetam o que não desejam reconhecer em si próprios e que as fantasias homossexuais constituem o cerne desse tipo de ciúme. O interesse maior recai no trabalho dos “sonhos paranóicos” e ele diz que: “Um sonho pode representar uma fantasia histérica, uma idéia obsessiva ou um delírio” (p.278).

No verbete *Psicanálise*, em 1926, Freud (1969) é categórico ao afirmar que a influência da psicanálise no tratamento da demência precoce e da paranóia é duvidosa.

Na Conferência XXXIII, em 1932, *Feminilidade* (1969), menciona a libido dirigida à mãe na forma de fixação pré-edipiana, verificada nos casos de paranóia de ciúmes em mulheres.

Em *O humor*, de 1927, Freud (1969) afirma que as idéias de perseguição se formam precocemente e persistem por longo tempo sem se manifestarem, até surgirem como resposta a um determinado acontecimento precipitante e específico. Encontra-se aqui uma variante da abordagem da *causa accidental* mencionada anteriormente.

Nesse artigo de 1927 - trata-se de uma suposição - encontram-se alguns elementos que resultaram na investigação posterior de Lacan sobre as psicoses fora do desencadeamento e sobre o conceito de desencadeamento a partir do encontro com um significante no registro simbólico, o que representou uma contribuição decisiva para o estudo do tema.

Nessa breve resenha da obra de Freud, há que se destacar o termo “repressão” que, como foi mencionado anteriormente, passa a ser colocado entre aspas a partir de 1915 ou destacado como uma outra modalidade de repressão, a repressão primária, um rechaço de certos desejos. Não se encontram na obra de Freud, em português, maiores esclarecimentos sobre esse emprego, mas parece fundamental comentá-lo, pois constituiu motivo de pesquisa de outros autores, principalmente Jacques Lacan.

Trata-se do termo alemão *Verwerfung*, que foi destacado por Lacan, em seu primeiro ensino, como um conceito diferencial na clínica da psicose. O conceito de *Verwerfung* é utilizado por Freud (1969) desde *As psiconeuroses de defesa*, de 1894, nas quais o eu rechaça (*verwirft*) a representação insuportável. Lacan enfatizará a *Verwerfung* como responsável pela repressão primária, pois é necessário considerar um mais além da repressão que primitivamente a constitui (MALEVAL, 2002). Freud emprega essa palavra, em épocas diferentes, descrevendo-a das seguintes maneiras: 1. como um juízo do eu gerando uma

ruptura com a realidade impossível de assumir. 2. como rechaço das fantasias incestuosas da puberdade. 3. associada à transferência negativa, como sinônimo de repressão. 4. como fundamento da consciência moral. 5. como fundadora de uma culpabilidade originária articulada à noção de supereu.

Jean-Claude Maleval (2002), dentre outros autores, dedica em sua tese *La forclusión del nombre del padre* uma extensa investigação do termo, esclarecendo que se trata de uma palavra originalmente advinda da filosofia de Brentano, demarcando ainda as diferenças e analogias entre o emprego freudiano e lacaniano. Para Freud, o sentido do termo era diversificado e extenso, não necessariamente utilizado para tratar da paranóia e da psicose, enquanto para Lacan, era restrito à psicose, à conotação jurídica atribuída à palavra em francês o que lhe permite a tradução por forclusão de um significante primordial, chamado por ele, dentre outros nomes, de Nome-do-Pai.

A paranóia surge muito cedo na obra freudiana como investigação, mas demarcando um limite com a psiquiatria através do termo *etiologia*, considerada como sexual segundo o criador da psicanálise. Entre Freud e Lacan, o conceito de *Verwerfung* é o que parece demarcar o limite das distintas concepções da paranóia. Evidentemente, são termos representativos, e não se pode restringir a amplitude de duas grandes obras a dois conceitos, pois se trata apenas de exemplos colhidos nos pontos de interseção dentro da abrangência oferecida pelas construções psicanalíticas desses dois autores.

Outro exemplo da *Verwerfung* como um limite conceitual entre Freud e Lacan foi a leitura e o contraponto conduzidos por este em torno do caso “O homem dos lobos” em *História de uma neurose infantil* (1976) e comentado em mais de uma publicação para Freud. Trata-se de um caso de neurose obsessiva, entretanto,

curiosamente, Lacan (1985, p.21) afirma no *Seminário As psicoses* que o texto desse caso clínico é sem ambigüidades e que “O homem dos lobos testemunha tendências e propriedades psicóticas na curta paranóia que fará entre o fim do tratamento de Freud (...)”. Essa clínica é exemplar, pois dela Lacan extrairá o conceito de “Verwerfung” para demarcar que “tudo que é recusado na ordem simbólica, reaparece no real” e fazer do conceito um marco diferencial entre a clínica da neurose e da psicose.

2.3 O DIVISOR DE ÁGUAS EM LACAN

O trabalho de Jacques Lacan é constituído por sua tese de doutorado em psiquiatria, artigos diversos e artigos reunidos em duas publicações mais abrangentes, *Escritos* (1998) e *Outros Escritos* (2001), além das lições de seu ensino publicadas em 24 livros, parte dos quais estão publicados em português, compreendendo o período de 1934 a 1978.

A formalização dos conceitos lacanianos sobre a psicose decorre das reflexões e mudanças efetuadas nos dois momentos de seu ensino, que são demarcados por epistemologias diversas, sendo a primeira estruturalista, seguida da topologia e da lógica. A clínica da psicose, na perspectiva lacaniana, é trabalhada diversamente através de três paradigmas, dois quais dois estão situados no campo da literatura, o que lhe franqueou articulações com o estilo, a letra, a obra. Schreber, Lol. V. Stein - personagem de um romance da escritora francesa Marguerite Duras - e o escritor irlandês James Joyce, são exemplos que permitiram a Lacan extrair e demonstrar lições clínicas. (NAVEAU, 2004)

Demarcado em dois momentos distintos, cuja datação nem sempre é precisa, o ensino lacaniano foi diferenciado em dois algoritmos, segundo o que esclarece a exposição de Miller (2003). No primeiro, a referência é a lingüística estrutural, na qual o trabalho recai sobre as relações entre o significante e o significando. O inconsciente é história, portanto expressão do conjunto dos efeitos de sentido. Há um período intermediário, no qual alguns artigos representam um momento de torção e passagem, tais como: *L'angoisse* (2004); *Los nombres del padre* (2005); *Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise*. O segundo algoritmo, situado “mais além do inconsciente”, marca uma barra, uma separação entre o real e tudo o que seria sentido e saber. A neurose seria representativa do primeiro ensino, e a psicose, do segundo.

Se a referência inicial é o inconsciente estruturado como uma linguagem, haveria três organizações clínicas - neurose, perversão e psicose - portanto estruturas subjetivas distintas. A paranóia seria representativa de uma das manifestações da psicose, e esta estrutura seria diferenciada das demais pela presença da forclusão, da *Verwerfung*, como diz em 1956:

De que se trata quando falo da *Verwerfung*? Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Eis o mecanismo fundamental que suponho na base da paranóia. Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante (LACAN, 1985, p.174)

Nesse período, ele enuncia algumas questões importantes: 1. na paranóia, diferente da esquizofrenia, há uma relação de alienação imaginária do eu. 2. tomar o imaginário pelo real é o que caracteriza a paranóia. 3. a injúria é um termo destacado como essencial na fenomenologia clínica da paranóia.

No *Seminário A ética da psicanálise*, de 1959, Lacan (1988) fará articulações sobre a crença e a descrença no sujeito paranóico, que serão retomadas em 1964,

no *Seminário Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, tal como se vê na lição de 10.06.64.

No fundo da própria paranóia, que nos parece no entanto toda animada de crença, reina esse fenômeno de *Unglauben*. Não é não crer nisso, mas a ausência de um dos termos da crença, do termo em que se designa a divisão do sujeito. (LACAN, 1985, p.225)

A articulação da crença, da descrença e da escritura resultam em uma importante reflexão sobre a letra, a palavra e o corpo, que encontrarão no *Seminário Le sinthome*, de 1975, seu desenvolvimento mais expressivo, posto que o sujeito é concebido como um efeito do real.

No *Seminário Los nombres del padre* (2005), de 1963, e em *R.S.I.* (1974, p.23), de 1974, trabalhará a incidência da voz, do olhar do Outro, e o congelamento do desejo para o sujeito paranóico. A redefinição de sintoma como “o que, do inconsciente, pode se traduzir por uma letra” franqueará os desenvolvimentos posteriores, necessários à construção do terceiro paradigma clínico - James Joyce.

O segundo algoritmo lacaniano encontra-se ainda em processo de formalização pelo Campo Freudiano, mas decorre das vias abertas pelos *Seminários Mais, ainda* (1985) e *Le sinthome* (2005). Mais especificamente reúne as idéias contidas nos seminários 18 até 24. O conceito de inconsciente é modificado e a psicanálise lacaniana passa a ser definida como uma experiência do real.

Na resenha e comentários sobre as contribuições lacanianas elaborados por Éric Laurent (1995), o autor assinala que de 1936 a 1976, a cada dez anos, houve no ensino de Lacan, uma reformulação sobre as psicoses. Nesse vasto período, destacam-se seminários ou momentos nos quais são localizados artigos fundamentais: O *Seminário 3, As psicoses* (1985), no qual ele trabalha a noção de inconsciente estruturado como uma linguagem, introduz o termo desencadeamento e a concepção de descontinuidade, posto que o significante é descontínuo. Nos

Escritos, em 1958, o texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1998), no qual a questão preliminar é o conceito de forclusão do significante Nome-do-Pai e seus efeitos como dano que o sujeito tenta inutilmente reparar. Acrescenta-se que as observações de Lacan sobre o jogo da coação a pensar e sobre o pensar em nada, investigado no relato de Schreber, trazem importante desenvolvimento para o entendimento do mecanismo do delírio e o pensamento inconsciente.

Laurent destaca o período de 1964 a 1969 como muito rico em textos sobre a psicose, sublinhando que é no *Seminário 11* que se encontra a primeira referência de Lacan sobre a psicose infantil em um novo enfoque, a partir do posicionamento da criança psicótica como resposta à fantasia de sua mãe.

Os Seminários proferidos em torno de 1976 produzem nova orientação que permite repensar formas diversas de estabilização nas psicoses. Se a lingüística serviu para trabalhar o laço entre os primeiros significantes, a topologia, por outro lado, surgiu nesse período como instrumento para pensar o significante sozinho. O Um da exceção, que fixa um gozo como letra e, nesse sentido, dispensa o Outro da linguagem. Essa mudança não se faz de modo aleatório. Trata-se, como diz Maleval (2002, p.133), de “um esforço de rigor para captar de forma cada vez mais fina a definição de estrutura do sujeito”.

O conceito de paranóia e de psicose acompanha esse vasto movimento teórico e ainda se faz presente como ponto de reflexão em Lacan, no *Seminário XXIII*, quando afirma que o “imaginário, simbólico, real” são de uma só e mesma consistência e é no que consiste a psicose paranóica”. Autores diversos, de diferentes países, têm procurado trabalhar essa questão. Mazzucca (2000) indaga tanto a significação no real, que leva ao trabalho sobre a paranóia, quanto indaga

sobre a continuidade, a solda dos três registros. Por outro lado, Naveau (2002) argumenta que a paranóia ficaria ausente da lógica do nó borromeano porque a paranóia supõe uma hierarquia, uma ordem, e a topologia dos nós se opõe à lógica do significante.

Esse debate será retomado nos capítulos seguintes, porém se conclui, da breve pesquisa teórica exposta neste capítulo, que os conceitos psicanalíticos não podem ser tomados isoladamente. Devem ser considerados tanto em Freud, quanto em Lacan, no contexto histórico em que foram pensados, assim como no incessante trabalho de leitura, de inscrição retroativa, trabalho que a psicanálise nomeia a *posteriori*, que é uma das traduções possíveis do termo freudiano, *Nachträglich*. O tempo, aqui, não é cronológico, mas da lógica do inconsciente, lógica subjetiva.

Em uma ampliação da perspectiva, a psicose, e não apenas a paranóia, será tratada no último ensino de Lacan como conceito que faz parte de um dos vetores que conduzirão mais além do inconsciente, e por isso mesmo, tomada como limite, ponto de passagem, travessia teórica para uma dimensão inédita da psicanálise. A paranóia será então reexaminada por vários autores à luz do segundo tempo do ensino de Lacan.

3 O COGITO PARANÓICO: “EU PENSO, LOGO ELE GOZA” - E OS CONCEITOS LIMITES

No início de um dos capítulos de seu livro de memórias, Schreber diz:

Dizem que eu sou paranóico e dizem que os paranóicos são pessoas que relacionam tudo a elas. Nesse caso, eles se enganam, não sou eu que relaciono tudo a mim, é ele que relaciona tudo a mim, é esse Deus que fala sem parar no interior de mim mesmo por meio de seus diversos agentes e prolongamentos. (LACAN, 1985, p.157)

O cogito paranóico, modo de pensar privilegiado na paranóia, tem no testemunho de Schreber um exemplo bastante contundente. Jacques-Alain Miller (1996, p.158) escreve a frase que foi colhida e citada no título deste capítulo. Deve-se ressaltar o termo *certeza* como aquele que “permitiu a Lacan esclarecer o *cogito* cujo segredo é uma forclusão”. A certeza do delírio, da interlocução delirante, manifesta-se em gozo carregado de significação, absoluta, infinita, presente no testemunho de algo que tomou a forma da palavra e fala ao sujeito. O mundo perde sua neutralidade, não há lugar para a contingência, para o acaso, e tudo faz signo para o sujeito.

Percorrer a significação do delírio e esclarecer o fenômeno psicótico e seu mecanismo foi o ponto de partida do extenso trabalho de investigação lacaniana, situado tanto na tese de doutorado de Lacan sobre as relações entre paranóia e personalidade, publicada em 1935, quanto nas indagações advindas da conclusão dessa tese e que se encontram nos artigos de 1946, 1948, dentre outros.

Em data um pouco anterior a 1935, houve um encontro de Lacan com o surrealismo francês, mencionado no artigo *De nossos antecedentes*, no qual há uma retrospectiva dos trabalhos que acompanharam sua entrada em análise e sobre a

tese que se desenvolveu sob a rubrica “conhecimento paranóico”, mencionando os nomes de Dali e Crevel, além da paranóia crítica.

A esse respeito, deve-se registrar que, em 1930, o pintor Salvador Dali define sua pintura construída através do que nomeia “método paranóico-crítico”, sobre o qual desenvolverá vários artigos. Dali (1994, p.3) descreve um “método espontâneo de conhecimento irracional baseado em fenômenos delirantes”, no qual pretende sistematizar seus delírios concebendo a paranóia como “exaltação orgulhosa de mim mesmo”. Nesse sentido, visava a vigência do sonho em vigília, além da exploração, organização crítica e ativa do pensamento paranóico no campo da arte. Em uma crônica publicada recentemente, Herbert Waschberger (2005) menciona o elogio de Dali à tese de Lacan e indaga as repercussões desse encontro para o início das elaborações lacanianas sobre a paranóia.

Vinte anos após a tese, o trabalho mais extenso de Lacan sobre a psicose privilegia ainda indagações sobre a paranóia. O livro de memórias de Paul Daniel Schreber, publicado em 1903, e o trabalho já desenvolvido anteriormente por Freud, em 1909, subsidiaram algumas hipóteses essenciais sobre esse tema - dentre elas o conceito de forclusão e de desencadeamento.

No último ensino, surge uma outra leitura da psicose, problematizada mais amplamente, sob uma perspectiva decorrente de outra axiomática, no recurso à lógica, à topologia, a outro conceito de inconsciente e de sujeito, a outro interlocutor e outra obra: a do escritor irlandês James Joyce. O pensamento encontra seu limite.

Freud considerou, ao longo da construção psicanalítica, cinco temas diretamente relacionados com a paranóia: o conceito de defesa; o mecanismo do recalque; a teoria do narcisismo e da libido; a eleição homossexual do objeto; a perda e a reconstituição da realidade. Lacan, a partir do *Seminário 3*, desenvolve os

temas: os fenômenos elementares, mas diferenciados dos fenômenos propostos anteriormente por Clèrambault; a forclusão do Nome-do-Pai; os transtornos da linguagem; as formas de desencadeamento; as construções delirantes; a emergência de “A mulher” ; a transferência do sujeito psicótico.

A autobiografia de Schreber, publicada em 1903, destinou-se, por vontade de seu autor, à contribuição valiosa para a pesquisa científica. Segundo palavras extraídas do prólogo de sua autobiografia:

Creio que poderia ser valioso para a ciência e para o conhecimento das verdades religiosas possibilitar, ainda durante a minha vida, quaisquer observações da parte de profissionais sobre meu corpo e meu destino pessoal. (SCHREBER, 1995, p.23)

Freud (1969, p.33) justifica seu interesse por esse livro único afirmando, em 1911, que “um relatório escrito ou uma história clínica impressa podem tomar lugar de um conhecimento pessoal do paciente”. A autobiografia contém elementos que permitem situar tanto os principais temas pesquisados por Freud e Lacan sobre a paranóia, quanto subsidia observações sobre a analogia entre crença delirante e mitologia, desenvolvidas por Freud em seu pós-escrito e retomado em outros trabalhos posteriores. Portanto, a contribuição valiosa almejada por Schreber ultrapassa o âmbito do *caso clínico* e se estende ao campo do mito, da crença, da cultura.

Quando discute a causalidade essencial da loucura nas *Formulações sobre a causalidade psíquica*, em 1946, Lacan (1998, p.163) reafirma, a propósito do debate sobre sua tese, que “não podemos esquecer que a loucura é um fenômeno do pensamento”. Seguindo as hipóteses freudianas, a causalidade da paranóia foi localizada inicialmente por Lacan na identificação narcísica, na qual a relação com a imagem reúne a alienação de um Eu primordial e o sacrifício suicida. Lacan estabelecia assim a analogia e a diferença entre o estatuto original do sujeito, como

capturado pela imagem do outro, e a estrutura fundamental da loucura. Miller (1998, p.258) teceu considerações em torno dessa questão lacaniana, de que “o narcisismo é a paranóia e, nesse sentido, vale para todo sujeito”.

Ainda segundo Miller (2003), em Schreber tem-se a referência de que o pensamento é gozo, considerando que o incessante pensar está vinculado a uma cogitação articulada, cujo ponto de basta é demarcado por instantes limitados que dão lugar ao pensar em nada, breves momentos de silêncio que no caso de Schreber faz cessar a réplica. O silêncio surge como função de corte que tem por efeito apaziguar a interlocução delirante.

O cogito paranóico na obra de Lacan pode ser lido em dimensões diferentes, tributárias das modificações nas concepções de sujeito, portanto, de inconsciente e gozo desenvolvidas ao longo de seu ensino. Isso equivale a considerar a paranóia e os tratamentos propostos ao gozo nos três registros: Imaginário, Simbólico e Real.

Lo simbólico, lo imaginário y lo real (2005) foi o título de uma palestra proferida por Lacan (2005) em 1953, na qual aborda pela primeira vez essa tríade de nomes aos quais dedicará, por aproximadamente três décadas, um trabalho de revisão conceitual até a época de seu último ensino. Considerar a paranóia na diversidade dessa perspectiva permite situar a evolução de um conceito, seus limites e demarcar-lhes os pontos de passagem.

Entretanto, há em Lacan o que Miller nomeia de “paradigma constante”, que deve ser considerado, ou seja, o sujeito não pode ser conceituado sem a dependência ao discurso do Outro. Trata-se de um princípio que repercute sobre diversos níveis da teoria psicanalítica, mesmo quando Lacan (2003) privilegia em seu trabalho o resíduo de uma operação significativa, que é o objeto *a*.

Considerando esse paradigma, examina-se na paranóia o estatuto do sujeito, do Outro, do objeto e do sintoma.

3.1 O IMAGINÁRIO

O momento histórico no ensino de Lacan, no qual a investigação recai preferencialmente sobre o registro imaginário pode ser situado entre a publicação de sua tese e o artigo sobre agressividade, de 1935 a 1948. A pesquisa do estádio do espelho e o estudo dos conceitos de identificação e alienação especular, dentre outros situam a paranóia na perspectiva do narcisismo freudiano e das hipóteses sobre a agressividade, expressão da alienação imaginária do eu, reafirmada até o *Seminário 2*, em 1955.

Esse eu é o outro do espelho imaginário, o eu ideal, simultaneamente amado e odiado, que foi investigado por Lacan em sua tese através do caso de *Aimée*. No *Seminário 3*, ele tentará cernir a dimensão desse diálogo com o outro, destacando o valor central da indagação “*Quem fala?*” na paranóia. Isto porque essa pergunta ressurge de diversas maneiras em alguns sujeitos, como resposta marcada pela certeza: nos delírios querelantes, nos delírios de ciúme e perseguição, nos quais o significante é tomado no sentido material e as palavras ganham um significado especial; quando a fórmula verbal se repete, repisa numa insistência estereotipada; ou na certeza do conhecimento paranóico que se faz pela via da rivalidade e do ciúme.

A imago foi o operador privilegiado do registro imaginário e do encontro com a imagem do duplo, representado pelo eu ideal. O imaginário tem dois caminhos: o primeiro, a estrutura formal do eu e a paixão narcísica; e o segundo, lugar de

retorno. Na psicose, retorna vindo *de fora*, nas interpretações delirantes paranóicas, no corpo despedaçado do sujeito esquizofrênico, e sobretudo na captação da imagem na dialética das identificações. Imagem que, na psicose, toma consistência de realidade.

Em 1948, no *Seminário sobre A agressividade em psicanálise*, Lacan (1998) desenvolve sua *Tese IV* em torno do argumento de que a agressividade corresponde a um modo de identificação narcísica e que esta determina a estrutura formal do eu. Nesta enfatiza, por um lado, a paranóia de autopunição na qual o ato desfaz a construção delirante, e por outro, situado no ponto culminante da reação agressiva, enfatiza o *kakon* obscuro, ou seja, a destrutividade dirigida à imagem do duplo. Essa paixão desvairada seria mediadora e ao mesmo tempo realizaria a opressão imposta pelos imperativos do supereu. Nesse período, o tratamento ao gozo, conforme indicado por Lacan, e os casos clínicos estudados pareciam indicá-lo, localiza-se na passagem ao ato e nas diversas formas que a reação agressiva pode assumir para o sujeito paranóico.

A incidência do supereu como um imperativo que oprime e coage o sujeito foi verificada por Lacan desde o tempo de sua tese, na esfera dos fenômenos impostos. Em 1959, no *Seminário A ética da psicanálise*, foi problematizada como uma questão fundamental que faz parte dos princípios do prazer e realidade postulados por Freud, até constituir-se nos paradoxos da ética, pois participa das questões que constituem o bem e mal para um sujeito. No último ensino, Lacan volta a indagar a voz como uma das faces do objeto, que na psicose não é destacada do campo do Outro. Ele trabalha tanto a voz do supereu quanto instiga o analista a considerar a voz do Outro a que ele dá corpo.

O capítulo relativo ao supereu e sua participação nessa estrutura é importante, mas considerado em sua vastidão, ultrapassaria os limites do tema aqui tratado, motivo pelo qual será apenas em breves momentos mencionado.

O estágio do espelho, terreno inicialmente privilegiado do imaginário, é trabalhado por Lacan na diferença entre organismo e corpo visual, e seus avatares perceptivos, mas marcado por uma função vital, pois a “imagem corporal à qual o sujeito se identifica tem valor de vida”. (MILLER, 2004, p.59)

Entretanto, para Schreber a regressão imaginária e a fragmentação da identidade, produtos da forclusão, surgem na revelação da própria morte que fora anunciada nos jornais. A morte do sujeito marca em determinado momento a relação de Schreber com seus semelhantes. O gozo concebido por Lacan, como especular e narcísico, pode ser lido principalmente nos fenômenos de corpo apresentados na psicose.

Quando posteriormente Lacan revisita o estágio do espelho e mais amplamente o imaginário pela perspectiva do registro simbólico, do significante Nome-do-Pai, desvela a mortificação intrínseca da regressão imaginária, signo de um gozo mortífero com a imagem. Com isso, modifica os limites conceituais de narcisismo trabalhado nessa época e as hipóteses que lhe eram correlatas.

A regressão imaginária e a erotização delirante da imagem, produtos da forclusão, encontram na frase de Schreber - “Um cadáver leproso conduzindo um outro cadáver leproso” - um testemunho eloqüente. Nesse instante, o gozo passa a ser concebido por Lacan como especular e narcísico, lido principalmente nos fenômenos de corpo apresentados por Schreber.

Miller (1998, p.261), em seu *Seminário Los signos del goce*, tece comentários pertinentes sobre a releitura do imaginário conduzida por Lacan até o final de seu

ensino, dos quais particulariza-se a expressão “paranóia dirigida”: “quando o nome da insígnia era imago, Lacan considerava a psicanálise como uma ‘paranóia dirigida’. Essa expressão se justifica porque uma psicanálise examina, faz esgotar o valor das diferentes identificações ideais que incidiram na história do sujeito. Acrescenta-se que no final do *Seminário* de 1960, *A transferência*, Lacan dirá que o trabalho de luto é um dos elementos que antecede e conduz ao final de uma análise; luto das identificações, dos ideais, das perdas reais - marcas dos traços que foram um a um percorridos na experiência analítica.

A partir do *Seminário Mais ainda* e nos textos em torno de 1972, Lacan (1985) irá decompor a questão do que faz o Um, a identificação, e destacar outro estatuto do objeto *a*, quando esclarece que sob o hábito do corpo há o objeto e o que faz esse corpo agüentar-se como imagem é o resto. A releitura promovida no registro do imaginário se insere no movimento maior do trabalho conceitual da psicanálise lacaniana, como se verá a seguir. A identificação se dirigirá a um nome, e o pensamento incluirá seu limite de comunicação no gozo do corpo, na impossibilidade de escrever a relação sexual.

3.2 O SIMBÓLICO

A partir de 1955-58 e da referência fornecida pela dupla noção de significação do falo, Lacan distingue progressivamente as noções de eu ideal e ideal do eu. Nesse período, que alcança o *Seminário* de 1962, *A identificação*, a causalidade significativa é atribuída ao simbólico, o operador é o falo, e a fantasia, passível de representar a conjunção das funções simbólica e imaginária. O drama da loucura situado na relação do homem com o significante encontra-se desenvolvido no artigo

De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. Esse artigo foi escrito na mesma data que o *Seminário 3: As Psicoses*, no qual o conceito de forclusão do significante Nome-do-Pai será um dos fundamentos conceituais demonstrados no desencadeamento. A função Nome-do-Pai opera como ponto de basta na ordem simbólica, pois é o significante que detém o deslizamento infinito da cadeia. Quando há forclusão do S1, a metáfora delirante vem substituir a metáfora paterna. Com isso, Lacan demonstra que a psicose é determinada pelo significante.

Miller (1996) destaca alguns aspectos fundamentais do texto de Lacan que devem ser brevemente comentados:

1. a psicose é uma estrutura, noção básica que dará suporte às construções lacanianas que virão em seguida;

2. a importância dos esquemas: O esquema L demonstra um sujeito diante das questões propostas por sua existência. O esquema R, o sujeito e o jogo dos significantes. O esquema I, a dupla curva da hipérbole e assíntota, através da qual demonstra que o estado terminal da psicose não é o caos petrificado. Os esquemas representam um segundo momento na obra de Lacan, e talvez o mais decisivo no tempo do primeiro ensino, que consiste em trabalhar, esquematizar as articulações entre o Simbólico, o Real e o Imaginário.

3. a transferência como fator que precipitou o sujeito Schreber na psicose, questão que não constitui um ponto pacífico, pois o próprio Lacan acrescenta a esse respeito novas indagações. A transferência erotômana ou persecutória faz parte do tratamento do sujeito psicótico, particularmente no paranóico, e representa um elemento importante na direção do tratamento, como se verá a seguir.

Foi preciso que historicamente Lacan ultrapassasse o debate com a dialética hegeliana, que marcou o estudo da paranóia na perspectiva do estádio do espelho,

para iniciar o período de referência à lingüística estrutural, particularmente à noção de inconsciente estruturado como uma linguagem e de sujeito do inconsciente. Esse foi o marco decisivo para a ênfase atribuída ao registro do simbólico nesse período.

A leitura do *Caso Schreber* foi essencial para o estudo da psicose a partir do estudo desenvolvido por Freud, em 1909, sobre a autobiografia de Paul Daniel Schreber. Alguns capítulos dessa autobiografia são comentados ao longo do desenvolvimento das hipóteses lacanianas no *Seminário 3*. Nessa época, é prevalente a questão fálica, o Nome-do-Pai, de onde decorrem as diferenças entre gozo fálico e gozo do Outro, e o determinismo simbólico do desencadeamento. Há na psicose o encontro com Um pai que promove o surgimento dos fenômenos elementares: neologismos, delírios, alterações da linguagem. Lacan modifica a lista proposta por Clérambault porque na perspectiva da psicanálise, ao examinar a noção de inconsciente estruturado como uma linguagem, considera os fenômenos elementares em outra epistemologia, outra causalidade.

No *Caso Schreber* é destacada a relevância da escrita para o sujeito psicótico como possibilidade no tratamento de um gozo que o invade e o abandona. A escrita, que será repensada no tempo de seu segundo ensino, foi considerada desde essa época por Lacan:

A introdução da categoria de sujeito pelo psicanalista leva, em primeiro lugar, a considerar o texto psicótico como ficção e distribuição de gozo, e, em segundo, valorizar essa função do texto, não como uma exibição de identificações, mas, propriamente falando, como um esvaziamento do gozo. (LAURENT, 1995, p.189)

Lacan (1985, p.20) inicia a construção do *Caso Schreber* no *Seminário 3* apontando a decifração champollionesca que Freud opera nesse livro único, traduzindo-o e com isso revelando um idioma esquecido. Entretanto, alerta que o “sujeito psicótico ignora a língua que fala”. Se o inconsciente permanece excluído

para o sujeito é porque ele aparece no real. Esse é o efeito da *Verwerfung*, do que é recusado na ordem simbólica.

Indaga o papel central da alucinação verbal na paranóia e empenha-se por descrever a natureza do delírio, pois no conteúdo do tema delirante de Schreber sobre os nervos e raios divinos haveria uma analogia com as estruturas de troca interindividual da economia intrapsíquica. As palavras adquirem uma significação irreduzível e a frase, plena de neologismos, nos quais se observam os fenômenos de intuição delirante – a língua fundamental na qual a palavra do enigma traduz uma experiência particular - e a fórmula, que é demonstrada nas repetições, na insistência estereotipada, no ritornelo.

Para Clérambault, o “eco do pensamento” era considerado um dos fenômenos do automatismo mental que Lacan interpreta como uma perturbação do enunciado com a enunciação, pois verifica que enquanto o sujeito paranóico é pródigo em enunciados, ele não pode lidar com a enunciação, com os lapsos e por esse motivo eles vêm *de fora*. O trânsito da mensagem para o código e do código para a mensagem fica destruído, impossibilitado devido à forclusão. Segundo Lacan (1999), os fenômenos de vozes substituem essa deficiência. Não há na psicose um Outro do qual o sujeito receba sua própria mensagem invertida. Portanto os lapsos, os tropeços, os mal-entendidos, os engodos da linguagem não dividem o sujeito.

É nesse ponto que Lacan comenta de outro modo a estrutura do discurso paranóico, na gramática de três tempos que justifica o delírio de perseguição: “não sou eu que o amo”; “eu não o amo, eu o odeio” ; “ele me odeia” . Ele diferencia o delírio de ciúme paranóico - marcado pelo gozo maléfico vindo do Outro - da erotomania - no delírio de ser amado - mas enfatiza o ponto em comum entre esses dois delírios que é a certeza como postulado fundamental.

No fundamento da paranóia “alguma coisa tomou a forma de palavra falada, que lhe fala” (LACAN, 1985, p.52), como anteriormente Freud construía no movimento de negação e projeção, extraindo os três tempos da gramática do testemunho de Schreber. Entretanto a partir de 1958, nos artigos sobre psicose que compõem os *Escritos*, Lacan estabelece uma diferenciação, pois em vez de privilegiar o mecanismo de projeção enfatizado por Freud e pelos pós-freudianos, trabalha a resposta que vem no real.

A posição de exterioridade dessa fala demonstra que a palavra forcluída no registro do simbólico reaparece no real como uma significação que não remete a nada, mas que, ao mesmo tempo, diz respeito ao sujeito. Lacan aponta uma relação específica do sujeito com um saber que o persegue, pleno de certeza, mas que por não haver do lado do sujeito nem falta nem divisão subjetiva, faz repercutir como *Unglaube*, a descrença, o inacreditável. Evidentemente, há o inacreditável do lado da neurose, mas este é de outra natureza, surge como encontro marcado com a *tiquê*, como demonstra o belo exemplo citado por Freud no artigo de 1935, *Um distúrbio de memória na Acrópole*.

Na psicose, o Outro que está excluído na dimensão do campo simbólico reaparece no real, e em decorrência dessa exclusão, surge como gozo do Outro e adquire então sua materialidade real, absoluta. Em Schreber, o fenômeno do gozo aparece como algo que o invade e o dilacera. A resposta subjetiva é um urro terrível. Em outros momentos, surge para o sujeito como alternância entre a obrigação de pensar, que corresponderia à alienação, intercalada pelo pensar em nada, tentativa sempre fracassada de separação. Curiosamente, também se verifica na psicose um apelo à castração, mas que não pode se realizar no registro simbólico e se reitera

incessantemente no real, num eterno presente, justificativa das passagens ao ato.
(MILLER, 1998)

Essa exclusão fundamental, Freud a havia trabalhado em outros termos como uma presença ou ausência da *Bejahung*, afirmação primeira, correlacionada a uma inclusão do significante, e a *Ausstossung*, o exercício do princípio da realidade, que diferencia simbólico e real. Esse juízo de existência simbólico inscreve a castração no lugar do Outro, segundo a leitura e a tradução promovidas por Lacan dos termos freudianos. O mecanismo da psicose, a *Verwerfung*, exclui toda a possibilidade de uma elisão significante, portanto, de uma *Bejahung/Ausstossung*. A forclusão vem demonstrar o lançamento para fora do não assimilável da primeira inscrição, o não funcionamento do juízo de existência na psicose e, ao mesmo tempo, permite localizar as formas de desencadeamento. Vale ressaltar que a diferenciação promovida por Lacan entre as formas de exclusão neurótica e psicótica foi fundamental para a psicanálise, porque diferente da neurose, a forclusão psicótica é irreversível e impede a reapropriação do sentido. Ao sujeito psicótico resta a alternativa da compensação imaginária ou a metáfora delirante.

O Nome-do-pai conceituado por Lacan (1998, p.564) em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose*, faz referência aos mitos freudianos do Édipo, Totem e Tabu e acarreta para alguns autores uma conotação religiosa, a do Pai da ordem simbólica. A forclusão na psicose incide diretamente sobre esse significante, o Nome-do-Pai, provocando “um furo correspondente no lugar da significação fálica”. Schreber demonstra que na ausência do pai simbólico há o encontro com o pai real, fora da lei, o Deus terrível gozador, presente na temática do delírio. Ao furo no Outro corresponde o dano representado pela expressão “assassinato d’almas”.

Quando está escrito no campo do Outro, o Nome-do-Pai permite ordenar o universo do sentido, estabelecendo vínculos entre significante e significado, une o desejo à lei e impede a busca infinita de sentido. As primeiras formalizações desse conceito indicam um significante portador de uma interdição sobre o gozo primordial e gerador da culpa original. Se esse significante está forcluído, como ocorre na estrutura psicótica, a lei paterna não pode ser enunciada e a resposta subjetiva será a metáfora delirante, que vem compensar a ausência da metáfora paterna (MALEVAL, 2002). A carência fálica será suprida pelos neologismos, interpretações delirantes, palavras impostas e pelo empuxo-à-mulher.

Nesse período, Lacan aponta a devastação proveniente do pai, quando este não opera a função fálica, e por isso é tomado em sua vertente real, como demonstram os delírios de Schreber dirigidos ao médico Flechsig e a Deus. O efeito de empuxo-à-mulher, a feminização, ou seja, a crença delirante na metamorfose que em Schreber é traduzida como transformação em mulher de Deus, vem demonstrar os efeitos da devastação na psicose, como uma das conseqüências da forclusão do Nome-do-Pai (ALVARENGA, 2003). Com respeito a Schreber, quando a feminização se impôs ao sujeito, foi recebida alternadamente com horror, depois como compromisso, por fim transformando-se em decisão irreversível, motivo de redenção do universo. Esses momentos progressivos de solução subjetiva são apontados por Lacan em 1955 como resposta à carência fálica.

Ainda nesse artigo, *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, assinala o início do conceito de desencadeamento situando-o no encontro com Um-pai, ou seja, o significante em posição terceira ao eixo *a-a'*, como esclarece Lacan (1998, p.584), "no encontro com um pai real, não forçosamente o pai do sujeito", um encontro capaz de provocar o desastre crescente do imaginário, que só

será estabilizado na metáfora delirante. A nota de página 42 é interessante porque convoca uma dúvida e deixa uma questão: no momento do desencadeamento, o significante se solta ou se desencadeia no real? A topologia desenvolvida alguns anos depois por Lacan tentará responder a essa questão.

O encontro não é com o pai simbólico, mas com um elemento real que surge fora do simbólico, esclarece Maleval (2002, p.277), acrescentando o surgimento de uma opacidade inquietante e angustiante, acompanhada da incapacidade de lidar com a enunciação. O autor justifica sua afirmação no detalhado exame que faz do desencadeamento em Schreber, deixando uma nota e uma recomendação de François Leguil. A nota diz da hipótese de que o desencadeamento pode representar a precipitação de um tempo lógico, um “momento de concluir” do sujeito, e deixa a recomendação de que é importante o exame particular de cada “conjuntura dramática na qual se revela o que estava forcluído”. É um momento marcado geralmente pela perplexidade e por formas variadas de angústia e horror. Nesse furo da linguagem verifica-se, por vezes, o processo de substituição que se faz pela metáfora delirante ou pela sucessão de interpretações delirantes.

Em 1945, Lacan apresenta o artigo *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*, no qual trabalha o sofisma de três tempos de possibilidade da lógica do significante: a modulação do tempo - que promove a asserção subjetiva - o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir, verificável nas diferentes estruturas clínicas. Sem desenvolver o tema, que ultrapassaria os limites da presente dissertação, evoca-se a frase de Lacan, que parece pertinente para a questão da psicose e da paranóia:

O juízo assertivo manifesta-se aqui por um *ato*. O pensamento moderno mostrou que todo juízo é essencialmente um ato e, aqui, as contingências dramáticas só fazem isolar esse ato no gesto da saída dos sujeitos. (LACAN, 1998, p.208)

A hipótese formulada por Maleval parece justificar-se principalmente porque Leguil menciona com alguma frequência o desencadeamento e as passagens ao ato na paranóia como uma forma de precipitação da asserção subjetiva.

O desencadeamento veio ocupar um outro lugar com Lacan, cuja noção se diferencia daquela encontrada em Freud, de que a acumulação dos traumas produzia, num determinado momento, a explicitação de uma psicose. Nesse sentido, enfoca a perspectiva do Outro, que permite acentuar a noção de descontinuidade do significante.

Éric Laurent, em 1995, cita dentre outros, o exemplo de desencadeamento da psicose de uma mulher que trabalhava em um restaurante e ouviu um homem pronunciar algumas frases que ela não entendeu, dentre as quais se destacava “(...) que ela era uma ninfa das águas”. Ela havia anteriormente consultando dicionários à procura do sentido das palavras, pois o sentido se perdera. Há nesse momento um longo remanejamento de várias palavras, como por exemplo: ninfa, que para ela assumiu o significado de empregada. Ela tentava encontrar um sentido associando inclusive às lembranças infantis, mas que tinham o estatuto de resposta que se articulava no lugar de uma pergunta impossível de formular: “Quem sou eu?” (LAURENT, 1995, p.116). Esse fragmento clínico demonstra o enorme trabalho de remanejamento significante pela via da metáfora delirante promovido por esse sujeito.

Verifica-se na paranóia que o sujeito faz consistir o Outro e o gozo no determinismo simbólico em que a falta de um significante no Outro resulta na reconstituição de um pai real na ordem do mundo. A suplência paranóica se fará pela criação de um discurso similar ao “Discurso do Mestre”, mas o que prevalece é a solução pela metáfora delirante. O sujeito paranóico cria um S2 e demonstra que o

”pensamento é a condição do gozo e o saber significante, meio de gozo” (MILLER, 2004).

A paranóia pareceu, à primeira vista, adequar-se bem à leitura feita nesse período que, segundo alguns autores, é marcado pela “teoria clássica do desencadeamento” (MILLER, 2004, p.48. Nesta, a psicose responde a um sistema binário, demonstrando a ausência ou presença de um único significante, o Nome-do-Pai e da dimensão pacificante do Outro. O gozo é, assim, tratado pelo delírio, que é pensado como metáfora de substituição.

De maneira similar ao que sucedeu anteriormente - a pesquisa do registro do simbólico franqueou a releitura do imaginário, do estágio de espelho, do narcisismo, modificando-lhes os limites - os conceitos estabelecidos por Lacan neste período, tais como os fenômenos elementares, a metáfora paterna, a forclusão do Nome-do-Pai, o Outro, o sintoma, o desencadeamento, o corpo serão revistos. A mudança de perspectiva representada pela introdução progressiva do conceito de objeto *a* e de real modifica a leitura desses conceitos, cujos limites se ampliam para abranger os sintomas de outra ordem, as faces contemporâneas da psicose e da clínica em geral.

A paranóia ressurgiu, curiosamente, representando um conceito limite entre três vertentes do ensino lacaniano e, na condição de desafio, instiga novas indagações.

3.3 O REAL

O conceito de real foi trabalhado em vários momentos do ensino de Lacan, dentre os quais se destaca: O primeiro, nos anos 50, no qual o real é concebido em

duas acepções que levam em conta o inconsciente estruturado como uma linguagem, portanto dependente de sua apreensão pelo simbólico. O último ensino, em que o real é situado mais além do inconsciente, há algo distinto do sentido e do saber. (MILLER,2003)

Em 1963, Lacan (2005) profere a única lição de seu Seminário *Introdução aos Nomes-do-Pai*. As indicações fornecidas pelo próprio autor nessa lição e os comentários de Miller mostram o passo que representou o livro anterior, *A angústia*, de 1962, que foi considerado por diferentes autores um ponto de torção na teoria lacaniana, pois a partir deste Seminário, dois movimentos se abrem em seu ensino: por um lado, a angústia como via de acesso ao objeto *a* demarcado pelo significante que sempre falha; por outro, vereda em direção ao real como inacessível, ao que não é significante.

Naquele *Seminário*, demonstra que a não-extração do objeto *a* é correlata a tudo saber, e que esse objeto do qual o sujeito psíquico não pode se separar o assedia nas vozes e no olhar. Lacan irá situar a voz na origem do supereu e considerá-la na psicose um objeto essencial.

Quando examina os Nomes-do-Pai, no plural, formula ainda um problema sobre o sujeito situado em um ponto anterior à pergunta e indaga o Outro como o lugar onde *isso* fala. Esse problema lhe permite dar início à pesquisa sobre o Nome e a pluralização dos Nomes-do-Pai. Essa pesquisa, que vincula os Nomes-do-Pai aos objetos *a*, estabelece novas bases para a abordagem da psicose, com a noção de gozo não localizado. (MALEVAL, 2002)

Laurent (1995) assinala que o período de 1964 a 1969 foi muito rico em artigos sobre as psicoses. Destaca a relevância das contribuições sobre psicose infantil sob um novo enfoque, sobretudo no Seminário 11, no qual Lacan traz uma

nova hipótese concernente ao posicionamento da criança psicótica, articulada à fantasia de sua mãe, além de demarcar as diferenças entre debilidade e psicose. É também nesse momento que elabora a noção de debilidade como posição discursiva e incluída na dimensão do psicótico. Lacan escreve poucos artigos sobre psicose infantil, mas sua contribuição é decisiva para fomentar as pesquisas nesse campo, como atestam o trabalho de vários autores contemporâneos.

No artigo de 1966, *Présentation des mémoires d'un névropathe*, Lacan (2001) opõe o sujeito do significante ao sujeito do gozo, afirmando que essa diferenciação permite uma definição mais precisa de paranóia. Além disso, esclarece a questão do *conhecimento paranóico*, associando-o às modulações da estética e evocando para isso o exemplo do pintor surrealista Salvador Dali (tradução nossa). Portanto, há uma retomada do comentário sobre a estética surrealista, considerando outra variante, a arte, como tentativa de organização do pensamento. A diferenciação entre saber e conhecimento é, nesse momento, muito relevante.

Em 1969, em *O avesso da psicanálise* (1991), a produção dos quatro discursos indica uma estrutura que ultrapassa a palavra e demarca uma diferença importante: as relações fundamentais não poderiam se manter sem a linguagem, mas o discurso, ele o prefere *sem palavras*, motivo pelo qual o escreve como matemas. Nesse *Seminário*, localiza o ponto de onde extraiu a função do objeto perdido na obra freudiana, no limite do saber, ou seja, na repetição do gozo. Esse seminário é incluído no segundo tempo do ensino de Lacan porque trata do *mais de gozar* como um lugar fora do simbolizado, pois o gozo não respeita os limites da linguagem.

O *Seminário 20, Mais, ainda*, de 1972, demarca um momento muito importante ao estabelecer as fórmulas da sexuação e as escrituras de “A mulher” e a

não relação sexual. O real como impossível evidencia-se cada vez mais em seu ensino. As fórmulas da sexuação reduzem o mito edipiano à lógica única da castração, nas quais os matemas formalizam uma lógica que opera no campo do inconsciente. Esse *Seminário* traz uma questão sobre o gozo feminino que uma mulher experimenta, mas sem o saber, e sobre o corpo necessário ao gozo, posto que este o afeta. Parafraseando Aristóteles - “o homem pensa com sua alma” – Lacan (1982, p.150) diz que “a alma é o que se pensa a propósito do corpo”. A escritura da lógica da sexuação permite incluir um corpo e o gozo como apoio ao pensamento.

Progressivamente, nesse período Lacan trabalha conceitos que servem de passagem no seu ensino: o primeiro, de uma forclusão restringida, que se apóia no Nome-do-Pai e no $-\Phi$, para uma forclusão generalizada, que recai sobre o objeto *a*. Na forclusão generalizada, a resposta do real não pertence ao campo do Outro, mas tem função de ex-sistência. O sintoma é privilegiado como um termo inscrito no real e que opera essa passagem.

O *Seminário 22, R.S.I*, de 1974, é dedicado ao nó borromeano, no qual ele define, além dos conceitos de Real, Simbólico e Imaginário, a noção de ser falante e a função do sintoma. Se o sintoma é função matemática, o inconsciente pode se traduzir por uma letra. Com isso, a noção de inconsciente adquire nova leitura, o pai como modelo de uma função redimensiona também a noção de *Verwerfung*, pois a diversidade dos nomes permitirá suplências efetivas demonstráveis principalmente na psicose.

Seu comentário sobre a paranóia é muito importante, pois constitui uma releitura do primeiro momento de seu ensino: “a paranóia é um grude imaginário. É a voz que sonoriza, o olhar que se faz prevalente, é um caso de congelamento de um

desejo” (LACAN, 1974, p.57). No imaginário, o grude é o gozo da presença constante dos objetos voz e olhar, dos quais o sujeito psicótico não consegue se separar.

No *Seminário* seguinte, *Le sinthome*, de 1975, Lacan (2005, p.132) pronuncia uma frase surpreendente sobre o real e que deve ser destacada: “Eu intitulei uma coisa que escrevi *A coisa freudiana*. Mas quanto ao que chamo o real, eu inventei porque isso se impôs a mim”. (tradução nossa)

No capítulo dedicado à invenção do real, Lacan esclarece que o nó borromeano permite ilustrar a diferença entre a realidade, o real e o sentido, além de justificar sob esse aspecto o pensamento, posto que o novo conceito de real próprio à psicanálise o refaz:

Eu não penso que a psicanálise seja um *sinthoma*. Eu penso que a psicanálise é uma prática cuja eficácia, apesar de tudo tangível implica que eu faça o que se chama meu nó, a saber, esse nó triplo no quadro. É nisso que suspendo por esse terceiro que se distingue da realidade e que chamo o real. É nisso que eu não posso dizer *eu penso*, pois que é um pensamento ainda fechado, em último termo, enigmático. (LACAN, 2005, p.135)

Lacan propõe um novo conceito de sintoma, escrito com nova grafia, pois considera que um sintoma é letra e que por isso pode permanecer fora do discurso, ou seja, fixar um gozo sem o Outro. O *sinthoma* nessa dimensão escreve uma existência. “Essa modificação constitui um esforço de Lacan para escrever em um só traço o significante e o gozo” (MALEVAL, 2002, p.130). O recurso à topologia, aos nós borromeanos lhe permite alçar a estrutura subjetiva representada pelo enlaçamento diverso dos três registros - Real, Simbólico e Imaginário - e designar o que operou como quarto nó. Lacan (2002), em um determinado momento de seu *Seminário*, comenta que o curioso é que o nó constitui um apoio ao pensamento.

A partir desse *Seminário*, o sintoma demarca novas dimensões da clínica. O sintoma é a forma típica e paradoxal de tratamento subjetivo do gozo na neurose,

enquanto para o sujeito psicótico mostra-se como impossibilidade de tratar o real do gozo. Nesse período, Lacan estuda uma terceira forma de tratamento - as outras duas foram a metáfora delirante e a compensação imaginária - que é a suplência restringida, ou seja, construção de um nome, um significante qualquer que diferencia a identidade do sujeito e que Lacan propõe como o ego. (RECALCATI, 2003)

Vários autores assinalam que a escritura, a letra, no ato criador de James Joyce, é analisada por Lacan como forma de suplência de uma estrutura subjetiva que não apresentou desencadeamento, mas que demonstra seu sintoma fora do inconsciente. O nome criado por Joyce, "Stephen Dedalus", constitui um modo de suplência ao pai ausente e forcluído. Lacan, entretanto, faz novo uso do conceito de ego, que terá para o escritor uma função particular, de corretor, ao enlaçar Real e Imaginário. O nó borromeano muda, assim, o sentido de escritura, e esta, torna-se um fazer que dá suporte ao pensamento. "Se o ego é dito narcísico é porque em um certo nível, há alguma coisa que suporta o corpo como imagem". (LACAN, 2005, p.150)

Com respeito à paranóia, duas observações surpreendentes têm dividido os autores que até o momento se dedicaram a desenvolvê-las: 1. a estrutura da paranóia é representada como um nó de trevo, no qual os três registros estão em continuidade e possuem uma mesma consistência. 2 O conceito de personalidade escrito 40 anos antes, em sua tese de doutorado, é relido como um quarto nó que enlaçaria as três personalidades restantes. Lacan então deixa uma indagação: se o nó assim constituído seria paranóico. Dentre os autores que trabalham essa questão na atualidade, alguns merecem destaque:

A hipótese sustentada por Maleval (2002) é interessante, pois segundo a interpretação desse autor, o sujeito se confunde com a instância paranóica do eu e demonstra que não se separou do gozo. Pierre Naveau (2004) considera outra hipótese, a de que a paranóia estaria ausente da lógica dos nós borromeanos porque apresenta uma hierarquia do significante que é incompatível com a noção dos nós, o que contraria a afirmação lacaniana. Por outro lado, Mazzucca (2002) opõe o sintoma joyceano ao sintoma paranóico e trabalha a noção de continuidade entre os três registros, própria da paranóia, e a oposição ao conceito de ex-sistência que se expressa, ao contrário, pelos nós soltos.

Sem entrar no mérito das questões debatidas nem indagar as respectivas conclusões de cada autor, pois ultrapassaria o tema desta dissertação, considera-se que a diversidade dos trabalhos suscitados pelo *Seminário 23* e o caráter não conclusivo das investigações mencionadas constituem exemplo de um debate que ainda não alcançou sua última palavra. Verifica-se apenas que a psicose é a referência do último ensino de Lacan, tal como a neurose foi para o primeiro ensino. Constata-se, entretanto, que a paranóia em sua face contemporânea, através dos sujeitos e dos limites conceituais, indaga mais uma vez a psicanálise.

O exame do conceito de paranóia na obra de Lacan demonstrou um percurso através dos momentos que demarcaram a evolução mais geral do corpo teórico da psicanálise na perspectiva lacaniana. Nesse sentido, os três marcos fundamentais - Imaginário, Simbólico, Real - foram uma escolha e uma referência possível. São, como o diz Miller (1998, p.434), “vias régias” da psicanálise. Se para Freud a via régia foi o imaginário, para Lacan, no fim de sua obra, o real é o caminho claramente indicado e do qual resta extrair conseqüências. A topologia lacaniana irá considerá-los como nomes e abordá-los em suas diversas configurações.

Ainda segundo Miller (1998), há que se reconhecer a inspiração de Lacan no estilo aristotélico de investigação, pois seu método consiste em se aproximar de um problema e examiná-lo sempre de um novo ângulo, ou formular de outro modo o mesmo problema. O conceito de paranóia percorre a pluralidade de perspectivas presentes na experiência analítica, assim como sofre alterações em decorrência da mudança de axiomática. A modificação dos conceitos psicanalíticos introduzidos pela via régia do real abre assim espaço para uma nova dimensão da psicose.

Verifica-se, no percurso lacaniano através dos registros Imaginário, Simbólico, Real uma contribuição fundamental para a indagação sobre o pensamento que sempre ocupou o campo da filosofia. A psicose é apenas um dos muitos caminhos através do qual essa questão é percorrida.

4. A PSICOSE ORDINÁRIA

A psicose ordinária foi o título da terceira de uma série de conversações realizadas na França por psicanalistas europeus do Campo Freudiano. Particulariza-se a seqüência que abrange: 1. *Conciliábulo de Angers*, em 1996, que debateu os “Efeitos de surpresa na clínica das psicoses” 2. *Conversação de Arcachon*, de 1997, que discutiu *Casos raros, os inclassificáveis da clínica* 3. *Convenção de Antibes*, de 1999, sobre *Psicose ordinária*, três momentos de investigação fecunda sobre a psicose e a clínica psicanalítica contemporânea.

O caminho percorrido pelas três Conversações vai da surpresa ao caso raro e ao caso comum delinea um percurso que desloca para primeiro plano a clínica da psicose. Antes de ser comunicação de conceitos estabelecidos, trata-se de debates sobre os casos clínicos a partir dos quais os conceitos se evidenciam. As Conversações se ocupam ainda de vários problemas que parecem representar um tempo para compreender a complexidade do último ensino de Lacan e nesse labor a orientação lacaniana reavalia hipóteses formuladas anteriormente.

O último ensino de Lacan (2005) franqueou uma dimensão original na invenção de um real próprio à psicanálise, diferenciado do real da ciência, passível de ser demonstrado, mas que ao mesmo tempo está fora do domínio da palavra, embora se manifeste como sintoma para os seres vivos. Essa dimensão é figurada no nó borromeano. No último ensino, há o trabalho em torno do ato de nomeação, o ato de dar um nome, evidenciando o nó como suporte do sujeito, da escritura do ego, do uso lógico do sintoma e de outra escrita do inconsciente.

O depoimento de Eric Laurent no artigo on-line *Chomsky com Joyce* é contundente porque noticia o terror provocado pela novidade, pela tiquê que foi o

encontro, em 1975, com o *Seminário Le sinthome* (2005), que enunciava o avesso de conceitos estabelecidos no artigo de 1955, *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1998). Dentre os vários exemplos, podem ser citados: em lugar do Nome-do-Pai, os nomes comuns da língua passam a se encarregar do gozo. Os neologismos são lidos como letra presa em uma trama de singularidades, como o trabalho demonstrado na leitura conduzida por Lacan no texto de Joyce. As Conversações de 1996 a 1999 procuram, segundo parece, atravessar o segredo do nome, segredo com o qual Lacan instiga a prática psicanalítica desde a primeira lição do *Seminário Os Nomes-do-Pai*.

Na psicose ordinária, o sujeito se serve dos nomes como instrumento, mas ao mesmo tempo, permite localizar os sinais da forclusão, por vezes sutis e emblemáticos. Em oposição à psicose extraordinária, como a de Schreber, a *Convenção de Antibes* pesquisou a psicose mais modesta, a ordinária, comum, compensada, suplementada, não desencadeada, medicada, em terapia, em análise, que apresenta sinthomas e formas diversas de desligamentos e religamentos do Outro, conexões entre R.S.I.

A proposta do nome veio de Miller durante um debate nessa Convenção e diante da proposta do prefixo *neo*, que conduziria às neo-psicoses. Ele faz objeções às neo-psicoses e demarca a diferença entre as psicoses extraordinárias e ordinárias. Laurent esclarece que se trata da psicose de massa decorrente de S de A barrado, ou seja, a época onde o Outro não existe, mais compatível com o estado atual da civilização, na qual falta um truque para gerir a falta de sentido e na qual predominam normas muito diversificadas.

O termo *psicose ordinária* mereceu, em data posterior, um comentário interessante de Bernard Lecoeur (2003) em seu artigo *Note sur da psychose ordinarire*”:

Ordinarius consiste em uma introdução de uma certa ordem. Não aquela que engendra a lei, [...] mas os ditos, desde que tomados como index de trocas de palavras. Assim, o ordinário da psicose poderia visar essa experiência [...] de destacar, a partir de uma certa distribuição dos ditos, um ponto fazendo função de dizer mas sem repartição, única garantia contra a confusão dos sujeitos na língua. (LECOEUR, 2003, p.25, tradução nossa)

Vale comentar o fragmento do parágrafo anterior que diz “um ponto fazendo função de dizer, mas sem repartição”, pois indica que uma certa ordem da linguagem é considerada. O sujeito não se encontra fora da linguagem, mas situado entre o enunciado e a enunciação, embora essa posição não implique para ele a divisão subjetiva. Operar com a repartição significa fazer incidir o falo simbólico, pois somente o falo permite aos sujeitos a repartição sexual, questão intransponível para o sujeito psicótico. Trata-se, então, de servir-se da linguagem comum ou usar um objeto, uma veste, uma função, um lugar, que de algum modo operem como conectores entre Real, Simbólico, Imaginário.

Nessa experiência, o fazer, uma outra face do agir, ocupa em alguns exemplos clínicos um lugar interessante. Essa constatação foi verificada em algumas clínicas nas quais os sujeitos psicóticos, diante da falha, inventam um truque para administrar os fenômenos de significação pessoal, o sentido gozado ou a fuga de sentido. Surgem formas clínicas inéditas ou recobertas por soluções sintomáticas, toxicômanas, por sintomas corporais, experiências místicas ou simples modos de vida. Por vezes, observa-se no cotidiano dos sujeitos apenas instantes de desligamentos do Outro, uma repetição de algo que volta sempre ao mesmo

lugar e, por não encontrar acolhida nas expressões da linguagem, surge no corpo ou como letra ou como ato.

O título da Convenção abarca três temas muito amplos: O *neo-desencadeamento* ou as novas formas de desencadeamento, que correspondem à soltura daquilo que fazia a função de capitonagem para o sujeito, resultando nos desligamentos, religamentos do Outro: a *neo-conversão*, que abrange os fenômenos de corpo não interpretáveis de forma clássica; a *neo-transferência* ou as manobras da transferência nas novas formas de psicose.

Essa Conversação, tal como sucedeu com as anteriores, traz vários exemplos clínicos entremeados de hipóteses, discussões, questões em aberto e um debate final. Nelas, examina-se a questão da psicose através da aporia psicanalítica, ou seja, as indagações, os pontos delicados de passagem, a ausência de saída transformada em passagem. Não se trata da comunicação objetiva de conceitos estabelecidos, mas de um dispositivo adequado para extrair conseqüências dos tesouros da clínica, dos achados que causam surpresa ou enigma.

É oportuno um breve esclarecimento sobre uma prática específica do Campo Freudiano que por vezes é difícil traduzir, verter para outra linguagem que é a Conversação. Segundo Miller (2005), há necessidade da conversação “quando se verifica que o Outro não existe, que é uma ficção do laço social”. Sobre o tratamento da psicose, Laurent (2003, p.17) diz que “uma espécie de conversação sobre o gozo na psicose é fundamental. Se há um real em jogo na experiência analítica, a conversação opera um recorte sobre o que faz nome para um sujeito. De acordo com Miller (2005, p.256), quando Lacan passou do Nome-do-Pai ao pai do nome, precisou trabalhar a passagem do simbólico ao real. “A nominação vem a ser o problema de saber como a conversação pode ligar-se ao real”. Nesse sentido, a

nominação é variada e pode apenas consistir em tocar o outro ou isolar um significante da cadeia.

Conforme se depreendeu dos capítulos anteriores, o último ensino de Lacan promoveu mudanças conceituais muito profundas no seio da psicanálise, decorrentes da mudança de axiomática final. É oportuno examinar os efeitos da mudança de axiomática quando se considera a psicose. A inexistência do Outro pode ser verificada na psicose ordinária e em diferentes tipos clínicos, dentre os quais particulariza-se no momento: o enigma, o sintoma, o inconsciente e o tratamento do gozo em cada caso particular. É importante não confundir os tipos clínicos da psicose – paranóia, esquizofrenia, melancolia e mania – com as questões próprias a cada subjetividade.

Segundo Miller (2005), em *Pièces detachées*, é a partir do *Seminário 20* que Lacan interroga a definição do inconsciente estruturado como uma linguagem, conceito que pode ser encontrado em seu ensino desde 1953, em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. Em *Mais ainda* (1985), introduz a importância da deriva do gozo e propõe o matema como compatível com o discurso analítico capaz de atingir o real do corpo e do inconsciente. Nesse *Seminário*, é destacado ainda como elemento o significante Um, encarnado na *alíngua* como algo indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, mesmo todo o pensamento.

Essa mudança dá lugar a um novo conceito de sintoma. Não se trata de simples mudança ortográfica, mas de uma mudança de sentido, pois ele pretende abordar o real na experiência analítica, o real que não tem ordem nem sentido. Nesse ponto de redução da linguagem não há nada a fazer para analisá-lo, no mesmo sentido em que se traduz o sintoma no simbólico. A aparentemente simples

mudança ortográfica escreve as novas perspectivas de tratamento para o sujeito psicótico, e descortina para o analista uma clínica até então insuspeita.

O sintoma está dentro da linguagem, da comunicação, das interpretações, das operações de deciframento, como o definiu Lacan: é uma formação do inconsciente, tal como o sonho, os lapsos, o chiste, a fantasia, seguindo as concepções freudianas que concebera a formação de compromisso e a formação substitutiva.

O *sinthoma*, não se pode curá-lo. Está fora do inconsciente, no campo do real, e seu uso é lógico, encontrável na lógica do nó borromeano, nas operações de ligação dos registros Real, Simbólico, Imaginário. O *sinthoma* é demonstrável porque é a face positiva da não relação sexual, ou seja, se não há relação sexual, o *sinthoma* denuncia essa falha. Na *segunda metáfora* lacaniana, a própria língua se incumbem do gozo, o que acarreta uma questão sobre esse processo ao mesmo tempo em que indica uma falha irremediável. Miller demonstra que no decorrer de seu ensino Lacan examinou esse paradoxo e, especificamente com respeito à psicose, indagou com insistência o ponto de basta, de detenção do gozo. Este constitui, segundo Laurent (2005), a questão chave da abordagem lacaniana das psicoses, e que será trabalhada ao final deste capítulo.

4.1 SE O OUTRO NÃO EXISTE...

No *Seminário 23*, Lacan convocou o enigma do sujeito James Joyce como um exemplo de psicose discreta, não desencadeada e que se manteve estável pela criação da obra literária e do ego que suporta não apenas o corpo como imagem, mas também opera em uma função muito particular como um modo de ligação, pois

é um pronome que pode vir a ocupar o lugar de um nome, servindo de conector entre Imaginário e Simbólico, na falha desse enlaçamento. Lacan (2005) afirma nesse *Seminário*, que pelo artifício da escritura se restitui o nó borromeano. Portanto, há uma função reparatória do enlaçamento de R.S.I. que faz suplência para esse sujeito.

Essa função reparatória, entretanto, não pretende obliterar uma falha. Em *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, Miller (2005) lembra que o trabalho lacaniano, em diferentes momentos, propõe um *broche* – é o termo que ele emprega – na dissimetria entre significante e significado. No primeiro momento, o broche foi o grande Outro; no segundo, foi o discurso, o saber; no terceiro, foi o nó borromeano que acarreta, participa da desapareição do Outro. A presença desse *broche*, diversamente nomeado na obra de Lacan, assinala a clivagem do espaço semântico e sua conseqüência para as diferentes clínicas.

Em seus comunicados na abertura e no fechamento do Conciliábulo de Angers, Miller (1997) faz observações muito importantes sobre a clivagem do espaço semântico de onde emerge o enigma. O enigma põe em questão a relação entre significante e significado, evidencia sua não relação e instaura uma dupla temporalidade para o sujeito, que se encontra diante de duas questões: *isso quer dizer* e *o que isso quer dizer* - que tem por resultado demonstrar um ponto de interseção entre neurose e psicose. Do lado da neurose, o enigma do gozo surge na indagação *o que isso quer dizer?* - provoca surpresa e propõe uma questão ao desejo. Do lado da psicose, há uma resposta e aparente diversidade: uma significação da significação, ou um vazio de significação, a perplexidade, mas por mais diversificadas que sejam essas respostas, trazem uma marca única, que é a certeza. O sujeito psicótico sabe o que isso quer dizer.

Se o Outro não existe, não há uma estrutura prévia ao sujeito, mas uma forma de tratamento do gozo particular a cada um, o que é demonstrado nas escolhas subjetivas que conduzem a uma determinada estrutura. O que está em questão é o tratamento particular que cada sujeito propõe ao gozo que o assedia. Com isso, há uma sutil passagem do tipo clínico ao caso particular, mas sem desconsiderar as duas vertentes dessa questão.

A letra, a escrita e *alíngua* são possibilidades desse tratamento e indicam respectivamente: a letra, como o que não serve para ser lido; a escrita, quando ressalta a discrepância entre significante e significado; e *alíngua*, que são os sons ou palavras anteriores à linguagem, a língua particular, primeira, mas que não serve para a comunicação. O exemplo maior desse tratamento encontra-se na escrita de James Joyce, que “parece não se render ao imaginário da literatura e demonstra a pura relação à língua” (MANDIL, 2003, p.131). Na tese do autor sobre o escritor irlandês, assinala que Joyce subverte a dimensão da leitura, pois não opera a tradução deixando o leitor confrontado com o enigma, com a dimensão real, impossível da linguagem.

O comentário de Miller assinala que em Joyce o *sinthoma* é compensação de uma carência paterna, que o determina em lugar entre a carência do pai e a esquizofrenia de sua filha. A linguagem não foi ordenada pelo Nome-do-Pai, questão retroativamente lida pelo aparecimento do *sinthoma* que para esse sujeito foi traduzido em arte. Entretanto, Miller argumenta que o *sinthoma* nem sempre é letra ou arte, mas pode ser qualquer coisa, provisória, frágil, ordinária, comum.

Essa qualquer coisa provisória a exemplifica Philippe Lacadée (2005, p.207) no fragmento clínico de uma mulher esquizofrênica, cujo neologismo, “*eu sou geladeirada*”, demonstrava que a linguagem não lhe servia para aparelhar o gozo.

No tratamento, ela inventa um órgão fora do corpo, um certo uso do secador de cabelo, “objeto metonímico extraído a partir da mãe e portador do barulho e do calor do Outro”. Segundo o autor, ela se servirá dele e o fará funcionar como um sintoma, suporte de uma neolinguagem.

O enigma mostra seus efeitos no campo da linguagem do sujeito psicótico, pois o esforço de invenção em seu trabalho com a deriva dos significados, os investimentos singulares próprios a cada um trazem algo anterior à comunicação. Segundo Miller (1997, p.338), “a aprendizagem da escritura quebra o verde paraíso das homofonias infantis” e acarreta uma questão para a tradução e aprendizagem da língua. Enquanto a linguagem do sujeito neurótico é submetida à norma, coube ao sujeito psicótico comunicar os fenômenos de neologismos, interlocução delirante, apartados da linguagem comum, com os quais se confronta, e a impossibilidade de traduzi-los para um código que tenha um ordenador comum.

Quando a significação fálica e o Nome-do-Pai desaparecem, o sujeito é invadido por fenômenos inomináveis - misturas de palavras, ruídos em um novo código, vozes que impõem atos inquietantes - que “infectam e parasitam as funções standard da linguagem” e as relações entre código e mensagem introduzem sem cessar novos usos das palavras (LAURENT, 2003, p.12). O sujeito, confrontado com o furo na cadeia simbólica propõe seu tratamento, verificado por Lacan na primeira clínica, de contenção desse excesso de gozo pela via do Outro. Se a estabilização é promovida pela metáfora delirante, então a emergência do real vem denunciar uma discordância, uma inadequação entre Simbólico e Imaginário.

A existência do Outro permite ler, em uma determinada perspectiva, a falta da função paterna (Po) que dá lugar às alucinações e perturbações da linguagem: fenômenos elementares, transtornos da palavra e da enunciação, pensamentos

impostos, idéias delirantes. A falta fálica, Φ_0 , por outro lado, dá lugar às idéias delirantes ligadas ao corpo e ao sexo: automutilações, passagens ao ato, disfuncionamento corporal, perda enigmática do sentimento de vida, mortificação do gozo. O desenvolvimento da pesquisa lacaniana informa que esses fenômenos decorrentes da forclusão do Nome-do-Pai assinalam não só o desencadeamento psicótico, mas também as psicoses fora do desencadeamento, o que repercute nas formas ordinárias da psicose, comparecendo sob outra perspectiva na psicose ordinária.

Se o Outro não existe e não oferece garantia porque falta irremediavelmente um significante em seu campo, a hierarquia dos três registros se modifica. Real, Simbólico e Imaginário são elementos de igual consistência tratam-se de nomes indistintos, como o demonstra Jean-Claude Milner (1983), em *Los nombres indistintos*. O enigma do gozo experimentado como surpresa e excesso acarreta para o sujeito a alternativa de fazê-los funcionar de outra maneira. As formas de tratamento pelo nome se tornam diversas, ocasiões nas quais o sujeito convoca o analista com um apelo específico. Trata-se de ajudar o sujeito, *a se fazer um nome*, ou de traduzir os códigos de mensagem e mensagens de código que o atravessam, considerando o princípio da indeterminação, pois o nome pode fixar o sujeito apenas por um certo período do tempo. (LAURENT, 2003)

Como exemplo desse tratamento de *se fazer um nome*, Laurent evoca o tratamento efetuado pelo escritor irlandês na produção de uma língua nova que, como *sinthoma*, encontra-se fora do Outro, apoiada não na verdade do inconsciente, mas no saber. A essa modalidade de invenção ele designa, curiosamente, com o nome de sublimação.

A sublimação foi para Freud um dos destinos da pulsão, mas implica um paradoxo, pois não há atividade sexual nem retorno do recalque na sublimação. A libido poderia ser dessexualizada, questão que é examinada por Lacan quando considera que o fato de falar implica por si só a sublimação, e que a sexualidade humana é constituída em torno de uma falta central. Tal como o exemplo do oleiro que constrói o vaso em torno de um vazio, analogia estabelecida muito cedo por Lacan - a arte é construída em torno desse vazio de gozo (MILLER, 1998). O tratamento de “se fazer um nome” do sujeito psicótico corresponderia a uma construção similar, um trabalho de invenção, de criação em torno de um vazio central. O modelo do nó borromeano não afasta essa analogia, pelo contrário, parece enfatizá-la e demonstra que cada sujeito propõe enodamentos sintomáticos específicos, mas ao mesmo tempo permite considerar o realismo das estruturas e distinguir, através dos entrelaces dos nós, a paranóia da esquizofrenia e da melancolia.

4.2 A DIALÉTICA ENTRE TIPOS CLÍNICOS E PSICOSE ORDINÁRIA

Os dois momentos do ensino de Lacan evidenciam a polaridade entre sujeito do gozo e sujeito do significante; promovem questões diversas tais como se orientar exclusivamente pelo falo e pela forclusão ou indagar o que faz a conexão entre R.S.I., assim como a clínica na perspectiva do real e dos aparelhos de gozo. A clínica contemporânea ainda traz psicoses clássicas, como o demonstram as conversações mais recentes do Instituto do Campo Freudiano, realizadas em junho deste ano, nas quais o desencadeamento demarca precisamente o momento de ruptura absoluta separando um antes e um depois na história de vida do sujeito, ou

formas que apresentam desligamentos progressivos do Outro, tal como foi assinalado por Laurent na Conversação de Arcachon.

Entretanto, mesmo as psicoses que indicam um desencadeamento evidente apresentam-se curiosamente com outros recursos, como por exemplo, uma riqueza simbólica até então insuspeitada, tal como demonstrado nas apresentações de pacientes no Hospital Raul Soares em Belo Horizonte, durante o ano de 2005. Em casos de psicoses melancólicas e esquizofrênicas contemporâneas verifica-se a passagem do nome comum para o nome próprio, transformação que opera como conector entre os elos de uma cadeia. Essa mudança no estatuto do nome pode servir para cerzir os órgãos fora do corpo sem passar pela linguagem. Se existir, como ensina Lacan, é estar fora, mas em referência a algo, essa noção é adequada ao corpo do sujeito esquizofrênico. Na melancolia surgem as pequenas identificações, mas que valem como pontos de basta do gozo.

A psicose ordinária compreende clínicas fora do desencadeamento ou de desencadeamento discreto, que foram tomadas inicialmente na década de 90 como casos raros ou inclassificáveis e trazem questões relativas aos limites da teoria clássica. Limites que por vezes provocam discussões e falta de acordo entre diversos autores consultados, mas que indicam tanto amarrações diversas entre R.S.I. quanto soluções sinthomáticas e formas de repetição que não incidem no significante, mas no real.

A Convenção de Antibes discute três manifestações clínicas da psicose na perspectiva da psicose ordinária, ou seja, as novas formas de desligamentos ou religamentos do Outro. Todavia, para diferentes autores as questões aí apontadas não constituem pontos pacíficos, pelo contrário, há motivo para argumentos sobre determinadas questões que devem ser ressaltados.

4.2.1 Esquizofrenia

No sujeito esquizofrênico os órgãos estão fora do corpo, não há o recurso da palavra para ligá-los e ele denuncia, pela via da ironia, a inexistência do Outro. É preciso não conduzi-lo a esse ponto no tratamento, principalmente quando aparece recoberto por fenômenos psicossomáticos ou pela prática artística. A posição do analista no tratamento é a de secretário do alienado, sustentando tanto a criação do lado do objeto quanto da escritura do caso. O religamento, o saber-fazer com o corpo despedaçado, está a cargo do sujeito e constitui uma alternativa à metáfora delirante.

4.2.1.1 Debates sobre a esquizofrenia

Lacan discute três hipóteses sobre a esquizofrenia: A primeira, do sujeito excluído do imaginário porque haveria predomínio do gozo auto-erótico do ser. Na segunda, todo simbólico é real, a palavra se confunde com a coisa e o sujeito não se defende do real pelo simbólico. A terceira, do sujeito esquizofrênico situado fora do discurso, em nenhum laço social, porque não pode utilizar nenhuma defesa contra o gozo.

Miller sublinha que o estatuto primitivo do corpo só é secundariamente construído pela imagem. O corpo primitivo é constituído por peças avulsas, as zonas erógenas demarcadas por Freud, sobre as quais incidiriam as pulsões parciais. A linguagem costura, alinhava essas peças avulsas conferindo-lhes um sentido e destino.

Sobre a ironia, Miller esclarece em *Clínica irônica* que esta não pertence ao Outro, é do sujeito e vai contra o Outro. Com a ironia o sujeito esquizofrênico reafirma que o Outro não existe, e o resultado é encontrar-se sem defesa diante do real impossível de suportar. Ela faz parte do problema com que se defronta o sujeito para se contrapor ao esforço na realização de tarefas aparentemente comuns com seu corpo - mover as pálpebras, defecar, andar, olhar - que requerem, como o autor assinala em *A invenção psicótica*, a criação de amarrações corporais.

Em um exemplo de Jacques Borie, na *Conversação do Instituto do Campo Freudiano*, a simples atividade da ducha matinal era para o sujeito impossível. Ela dizia: “tenho a impressão que o jato de água é feito de agulhas penetrantes das quais devo me proteger. Isso não desliza sobre e pele, mas quer penetrar”. (p.37, tradução nossa)

Em um exemplo de Jean-Pierre Deffieux (2003, p.13) na *Conversação de Arcachon*, aos 8 anos o sujeito sofre um espancamento violento em um acontecimento que quase lhe custou a vida. Suas palavras sobre a cena foram: “não sei se doeu muito” – essas palavras guardam similaridade com o ocorrido a Joyce. Nos debates que trabalharam esse exemplo, essa frase é destacada, pois demonstra o quanto o sujeito encontra-se fora de seu corpo, abandonado pelo Outro.

Indaga-se esse corpo despedaçado e vazio que parece desafiar as ligações possíveis. O que se propõe para as questões que a clínica do sujeito esquizofrênico desvela é a leitura cuidadosa de um parágrafo de *Notice de fil en aiguille*, de Miller, nos Anexos do *Seminário 23* de Lacan, quando comenta:

O corpo é para Aristóteles, sublinha Lacan em *Encore*, modelo do um. Mas esse um é o indivíduo, isto é o um sozinho. E Lacan vem se interrogar sobre a origem verdadeira do significante Um. A resposta está aqui, nesta página do *Sinthome*, que sugere que o copo poderia ser o modelo, ou seja a origem imaginária, não do um sozinho, que é

significante, marca, traço, corte, mas do um a mais, que é o conjunto vazio. O que equivale simplesmente a dizer que o corpo existe como saco de pele, vazio, fora e ao lado de seus órgãos. (Miller, 2005, p. 214, tradução nossa)

Supõe-se que esse corpo, expressão do conjunto vazio, é aquele que o sujeito esquizofrênico apresenta à clínica, mas sem que a linguagem escave o real, e no tratamento, de certo modo, será *alinhavado* pelo ego, como o pronome que vale por qualquer nome. Com respeito a essa questão, Laurent esclarece no artigo on-line, *Chomsky com Joyce*, que a verdadeira consistência do corpo não é a do saco, mas da corda, pois a linguagem é para Lacan um órgão-sintoma que faz orifícios e borda para cada um desses orifícios, o que permite incluir os circuitos pulsionais, desde que se considere que a pulsão permanecerá parcial.

4.2.2 Melancolia

Para a melancolia, a Convenção discutiu o termo *suplência intercrítica*, que consiste na superidentificação intercrítica aos papéis sociais. Essa forma de suplência foi descrita anteriormente na psiquiatria clássica por Tellembach, e traduz uma vontade de apagamento do nome próprio, do fechamento do furo da forclusão. Nos pré-melancólicos é verificado pelas palavras do sujeito que mais do que *ser ninguém* é, sobretudo, um *se querer ser ninguém* que leva o melancólico a elaborar essa superidentificação. É uma identificação ao ser literal do traço significante e não à sua função de representação. Esses traços são copiados, não pela via do ideal do eu, mas pela norma social, como uma coleção de sentenças superegóicas que conferem uma coesão imaginária ao sujeito pré-melancólico.

Essa forma de suplência foi traduzida por Freud (1969, p.40) em 1915, no artigo *Luto e melancolia* com a frase composta por ele que mereceu

desenvolvimento importante a partir do trabalho de diferentes autores na psicanálise: “a sombra do objeto caiu sobre o ego e este pode, daí por diante, ser julgado [...] como um objeto abandonado”. Nesse artigo, há uma observação interessante sobre a melancolia, como ferida aberta e o esvaziamento contínuo de investimento libidinal resultando na morte do ego identificado ao objeto.

4.2.2.1 Debates sobre a melancolia

Há três questões prementes para o debate sobre a melancolia: a infinitização do tempo, que foi muito trabalhada no último Congresso da AMP; o empuxo à morte; a presença da melancolia nas identificações diversas que os sintomas contemporâneos descortinam. No *Seminário L'angoisse*, Lacan chama a atenção para a ultrapassagem do limite, a janela do mundo atravessada pelo ato suicida melancólico, e propõe que se indague o significado desse ato no qual o sujeito faz o retorno à sua posição de exclusão fundamental, o *deixar cair* o corpo próprio, na qual o ser encontra-se alojado no objeto *a*. A identificação ao objeto trará ao melancólico a realização na passagem ao ato, de ser rejeitado, ejetado fora de cena.

Miller (1996, p.193) alerta que, de certa maneira, esse “curto-circuito melancólico prolonga-se no neurótico, cujo desejo é menos decidido”, pois a pulsão de morte é inerente ao ser falante, e lança uma pergunta irônica: “a instância da letra mata a coisa?”. A pergunta desafio talvez encontre uma pequena resposta exatamente nas formas de identificação que os imperativos sociais contemporâneos propõem.

Em um exemplo clínico de Hervé Castanet (1998, p.19), colhido na *Conversação de Arcachon*, o sujeito melancólico traz seu depoimento: “vivo no

nevoeiro”. “Ficar imóvel é deter o movimento do tempo” e “quero ser um cadáver para qualquer um [...]”. Segundo Castanet (p.126), na extensa discussão do caso, “fazer-se cadáver para alguém” constitui sua estratégia para se defender da perda do sentimento de vida, a palavra vazia como declinação do nevoeiro, o gozo em suspenso, nunca simbolizado, descrevendo o eterno presente no qual o sujeito se encontra.

A esse respeito, Recalcati traz uma contribuição interessante ao tecer considerações sobre uma certa modalidade de rechaço do luto, que em vez de dar lugar a uma clara posição melancólica, produz, ao contrário, uma dissipação do desejo em um gozo dessubjetivado, anônimo, reciclado, ordinário, trabalhado por Lacan, no discurso capitalista. Nesse sentido, o rechaço do luto como variante da posição melancólica é verificável e encontra-se comentada com mais frequência tanto pela arte quanto pela filosofia, sendo mais comum e menos situável dentro dos sintomas contemporâneos.

4.2.3 Mania

A segunda discussão do *Conciliábulo de Angers* problematizou, a partir de exemplos clínicos, a questão da morte do sujeito e o argumento de Eric Laurent (2005). Estabeleceu a diferença entre a morte do sujeito em Schreber, que representa paradoxalmente a reconciliação, o fim de sua luta, uma saída terapêutica radical, através da qual o sujeito encontra seu lugar no mundo, e a morte do sujeito na mania. Nesta, a excitação maníaca e a melancolia constituem faces de uma mesma moeda. Laurent lembra que Lacan não repete o mesmo modelo da psiquiatria clássica, mas nas transformações que produz na teoria psicanalítica

reformula a oposição entre mania e melancolia. O tema da morte do sujeito não pode ser considerado fora da economia do gozo e da moeda de dupla face representada pela melancolia-mania.

Em prosseguimento ao debate, Miller argumenta que a morte do sujeito está presente no ato psicótico, um ato marcado pela certeza, e que na mania há uma intensificação do gozo preso à língua, realizando um gozo sem o freio da gramática, com uma aceleração da pulsão de morte. O que funcionaria como grade, parapeito do sentido seriam as homofonias verbais, portanto *alíngua*.

Se o maníaco evita a pontuação, o ponto de capitonagem, indaga-se o estatuto do sujeito na mania, pergunta com a qual o debate é encerrado. (tradução nossa).

Exatamente devido a essa pergunta sobre o estatuto do sujeito, a observação de Lacan no primeiro capítulo do *Seminário Le sinthome*, de que a relação maníaca conhecida desde a psiquiatria clássica está presente na última obra de Joyce, a saber, *Finnegans Wake*, merece uma atenção especial. Ele não afirma que o sujeito era maníaco, mas sim o tratamento conferido à palavra na obra literária. No caso de Joyce, através da vertigem, da perplexidade provocada pelo texto, no manejo incessante das homofonias que incidem fora do inconsciente. Essa questão que se configura de grande importância só pode ser abordada superficialmente nesta dissertação.

Dois psicanalistas da Escola Brasileira de Psicanálise, Sergio Laia (2001) em *Os escritos fora de si* e Ram Mandil (2003) em *Os efeitos da letra*, contribuíram em suas teses de doutorado para esclarecimento dessa questão, dentre outras, na abrangente pesquisa sobre a leitura da obra de James Joyce por Lacan. Ram Mandil (2003, p.21) percorre “os possíveis estatutos que uma letra pode adquirir”, a

perplexidade e “intradução”, mas também fonte de um novo estilo literário por Joyce. Sergio Laia (2001, p.224) trabalha a hipótese do sujeito “amarrar a própria loucura, enfrentando com rigor e como poeta [...] a dimensão real da palavra imposta à sua vida”.

4.2.4 Paranóia

As seções clínicas de Clermond-Ferrand, Dijon e Lyon argumentam que a paranóia foi a psicose de referência para Kraepelin e Freud, além do lugar central ocupado no primeiro ensino de Lacan. A clínica adequar-se-ia mais facilmente à teoria clássica do desencadeamento, pois o sujeito paranóico, na perspectiva do primeiro ensino de Lacan, está inclinado a fazer consistir o Outro e o Pai em sua vertente real, criar a ordem no universo pela extensa produção delirante. A função do Outro é pacificante na paranóia e, diante de sua falha, cabe ao sujeito remanejar esse laço rompido através da interpretação delirante. A mudança de axiomática lacaniana, ou seja, a inexistência do Outro e a mudança do discurso do mestre, que favoreciam uma solução pela via significativa, para o discurso da ciência, modifica o tratamento do gozo que se faz mais pela letra do que pela significação. Os desencadeamentos tornam-se discretos, os fenômenos elementares são quase ausentes e a utilização de *alíngua* permite a coexistência do Real e do Simbólico.

A seção clínica discute os limites da paranóia porque as variantes dos desligamentos do Outro, tomados como metonímicos, se opõem ao desencadeamento clássico, considerado metafórico. O segundo argumento é que, pelo viés do Outro que existe, há um ponto de início, de ruptura na cadeia, verificável na clínica, o que não ocorre quando se considera que falta um significante

no campo do Outro e que as modalidades de tratamento do gozo não surgem de forma mais demarcáveis no tempo.

4.2.4.1 Debates sobre a paranóia

Os trabalhos de Lacan sobre a paranóia no segundo momento de seu ensino são surpreendentes, pois ele retoma o conceito de personalidade de sua tese de doutorado em outra perspectiva da lógica e da topologia. No *Seminário 23*, ele corrige o título da tese, afirmando que psicose paranóica e a personalidade são a mesma coisa, ou seja, Imaginário, Simbólico e Real possuem a mesma consistência e estão em continuidade. Ele interroga o quarto nó, se este seria também uma personalidade, e lança uma questão que foi muito trabalhada por diferentes autores. Lacan novamente promove um amplo debate sobre a paranóia e instiga um trabalho que ainda não alcançou sua conclusão.

Schejtman e Mazzuca argumentam que para abordar a questão da paranóia é preciso interrogar não a significação da significação, mas a significação no real, considerando o nó de trevo de Lacan, ou seja, que os três registros constituem um único nó, portanto não são três círculos ligados, mas um mesmo fio que dá três voltas, soldados, em continuidade. Os autores lembram com Lacan que, se algo existe, é precisamente por não estar acoplado, ligado, tal como ocorre com o sintoma de Joyce. A função de ex-sistência opõe-se a qualquer classe de união entre os três registros, portanto “a ex-sistência do sintoma, que como quarto termo vem ligar borromeamente os outros três, impede o sintoma psicótico” (p.133). Os autores propõem a diferença: de um lado, a função de ex-sistência e o pai como sinthoma; de outro, o sintoma psicótico e a irrupção do Simbólico no Real.

Pierre Naveau (2004, p.205) argumenta que com relação ao nó borromeano não há hierarquia e as três dimensões se situam no mesmo plano. Não há relação que faça laço entre Real, Simbólico e Imaginário, salvo através do nó. A lógica do nó é então oposta à lógica do significante, ou seja, do ponto. “Quando se considera o nó, não há primeira nem última palavra”. Em decorrência desse contexto, a paranóia está ausente da lógica do nó porque ela supõe uma hierarquia. Mas o autor apóia seu argumento na noção da paranóia como essencialmente imaginária, na continuidade entre a imagem do outro e o eu paranóico, argumento que remete aos primórdios do ensino lacaniano que parece divergir do conceito de personalidade proposta no *Seminário 23*.

Indaga-se a clínica naquilo que o sujeito apresenta de sua experiência mais contundente. Ao contrário da fuga do sentido, encontra-se nos casos de paranóia, extraordinárias ou ordinárias, um excesso de sentido, e desse excesso o sujeito traz seu testemunho.

Alexandre Stevens (2005, p.50), no artigo *L'effort pour traduire um regard*, apresenta um exemplo muito curioso de psicose desencadeada. O sujeito encontrava-se torturado por um delírio de ciúmes, ao lado da manutenção da instância crítica, porque afirmava que não tinha provas da infidelidade de sua esposa. Seu delírio interpretativo feito da paixão pelo ciúme é construído a partir de uma pergunta: “os outros casais são verdadeiramente felizes?”. O autor afirma que o sujeito se apresenta dividido, não no sentido da neurose, mas dividido entre duas personalidades que constituem a divisão de seu nome Tonino Crochet: o *novo Crochet*, um sujeito monolítico e tirânico oposto ao *o primeiro Tonino*, vulnerável, tímido, menos autoritário, mas que são personalidades que não o impedem de

manter os laços sociais com a sua família, seu trabalho e obter o reconhecimento da comunidade onde vive.

Se a paranóia comporta personalidades distintas, mas em continuidade, em R.S.I., como menciona Lacan, é preciso distinguir a persona, não no sentido em que o ator atribui ao papel que representa e do qual pode se separar, e o sujeito paranóico, que encarna as personalidades, tal como esse caso permite elucidar, pois constitui, segundo as palavras de Alexandre Stevens, uma divisão muito real. Essa divisão muito real, se a questão pode ser formulada nesses termos, foi sustentada como um das possibilidades de manejo dessa clínica na retradução permanente das interpretações, tornando-as menos fixas. O autor verifica que houve um apaziguamento progressivo das interpretações do sujeito no decorrer de seu tratamento.

Lacan, em uma conferência na Itália, em 1972, fornece uma pista muito interessante sobre sua retomada da noção de personalidade, quando diz que “o essencial é que a personalidade é a maneira de qualquer um subsistir face a esse objeto pequeno *a*” (p.52). Nessa palestra, a personalidade é situada como resposta ao objeto.

Na Conversação de Arcachon, Laurent adverte para a diferenciação entre o conceito de personalidade empregado por Lacan e o sentido que lhe confere a “Psicologia do Ego”. Para aquele autor, a clínica continuísta permite distinguir a topologia de superfície, ou seja, “sobre o que o sujeito se arranca do modo de anonimato, que ele pode atingir?” e com isso, indagar o fundo sobre o qual se inscreve a psicose, propondo então uma investigação sobre o fundo e a forma, a personalidade e o Outro. Ele lembra ainda que a personalidade, portanto a forma e fundo, foram muito trabalhados no ensino de Lacan através dos seguintes exemplos:

A maneira como Antígona reentra bem viva em sua morte, e se desfaz no fundo; a maneira como o herói sadiano entra bem vivo na natureza; a maneira como, no fim de “Subversão do sujeito” o budismo faz uma múmia que regressa à natureza; a maneira como a coitada da Sygne de Claudel, que por salvar o papa não pode senão calar a boca, ingressou bem viva na vontade do Outro e acaba se dissipando no nevoeiro. (LAURENT, 1998, p.124)

Conforme se infere através desses exemplos, o tema sobre a topologia de superfície abre um campo importante de investigação que inclui o conceito de personalidade inerente à paranóia, mas que pode ser aplicável a uma temática mais ampla, pois parece tratar do sujeito identificado a tal ponto com a forma que desaparece no nevoeiro, entra vivo na dimensão da morte.

Assim, o debate sobre a paranóia adquire novos matizes e estimula indagações, sobretudo diante das personalidades não necessariamente paranóicas que a religião e a literatura não cessam de apresentar e que são corroboradas pelas modalidades de laços sociais contemporâneos. Nesse sentido, o terceiro debate do *Conciliábulo de Angers* menciona tanto a reabilitação de delírios histéricos como resposta aos efeitos de sugestão em massa, quanto os movimentos de massa desencadeados por paranóicos notórios ou seitas paranóicas.

Há ainda que se insistir na diferenciação, por vezes difícil, do conceito de personalidade no campo da psicologia ou mesmo das modalidades psicanalíticas norte americanas, do conceito lacaniano, principalmente considerando as demarcações feitas ao longo de seu ensino e que culminam no seminário *Le sinthome*, no qual a personalidade é uma modalidade específica e básica de nó borromeano.

4.3 A DIREÇÃO DA CURA

Laure Naveau assinala que entre as duas últimas Conversações houve um conjunto de trabalhos que promoveram a passagem do enlaçamento R.S.I. para os trabalhos com *a língua* e indaga os desdobramentos da *Convenção de Antibes* no sentido de melhor precisar as conseqüências da direção da cura do sujeito psicótico. Evidentemente, essas questões ainda não se esgotaram e, pelo contrário, constituem um campo de pesquisa bastante amplo.

Seguindo essa indagação, encontra-se nos trabalhos mais recentes de Eric Laurent (2005) sobre *O Nome-do-Pai entre realismo e nominalismo*, ao lado de outros artigos sobre o mesmo tema, dentre eles *Interpréter la psychose au quotidien*, que foi um dos temas da recente Conversação do Instituto do Campo Freudiano, realizada em Paris, em junho de 2005, indicações muito instigantes para a direção da cura nos casos de psicose ordinária.

Laurent (2005, p.10) argumenta que a interpretação é sem standard, mas não sem princípio. O princípio “não há metalinguagem” se evidencia e é aplicável especialmente à psicose quotidiana porque toca diretamente o lugar do Outro, que na perspectiva da topologia é um lugar moebiano. Ele lembra que o inconsciente intérprete é evidenciado pela psicose através das palavras impostas e do *inconsciente a céu aberto* que trabalha sem cessar, um gozo que vem do corpo próprio como ocorre na esquizofrenia, e o gozo mal que vem do Outro na interpretação paranóica. O nome próprio pode ser bem sucedido na tarefa de ligação significante-significado, de tal maneira que a tradução exacerbada pode se deter. A operação é de corte.

Laurent (1996, p.98) retoma o argumento de Miller em *Interpretação pelo avesso*, pois há duas práticas distintas: uma prática interpreta à maneira do inconsciente e seu operador é o Nome-do-Pai, na outra, o caminho é ao avesso do que trabalha o inconsciente, ou seja, considera que S1 absorve, devora sempre S2. Portanto, no exemplo de Joyce, não há separação entre o que ele disse e o que queria dizer. Não há separação entre enunciado e enunciação.

Retornando ao artigo de Laurent mencionado anteriormente, na direção da cura da psicose, não se deixa um sujeito delirar até o esgotamento, como ocorre com o maníaco ou paranóico. O ato de conferir um nome pode tocar o outro, como na frase *tu és isso*, que reenvia pela homofonia em francês à morte da coisa. Nesse sentido, as passagens ao ato, auto ou hetero agressivas, constituem também uma maneira, aparentemente paradoxal, de dar um nome. A coisa pode ser morta (*tuée*) quando encarnada no próprio sujeito ou em qualquer outra pessoa. Nessa situação, o que o sujeito diz é tão importante quanto o que ele faz.

O exemplo possível, extraído da clínica particular, é de um sujeito psicótico que tentava traduzir com o nome *light* em frases pequenas, condensadas: *estou light* ou *está tudo light*, pronunciadas logo após suas passagens ao ato, sua maneira particular de traduzir, interpretar a precipitação que o acometia.

Ainda segundo Laurent, é preciso encontrar os elementos não standard que possam operar como corte, pontos de detenção do Outro, um momento no qual ele não pensa em nada, não diz nada, um momento que inclui a pausa, o silêncio. Finalmente ele lembra que a interpretação-corte, interpretação como separação do Outro, é compatível com a segunda clínica de Lacan, e que engloba a primeira clínica. Essa sugestão de Laurent é, no mínimo, curiosa, quando se considera que alguns autores enfatizam a dissimetria entre as duas clínicas.

Esses argumentos adquirem uma relevância maior quando se considera nas psicoses ordinárias que a topologia das ligações entre R.S.I., como foi evidenciado por Lacan, a letra, o nome ou o ego na esquizofrenia e nas situações nas quais o corpo está em questão; o ego, a letra, a personalidade para o paranóico e a super identificação aos papéis sociais, indicados pela clínica do melancólico, parece, à primeira vista, operarem uma conjunção entre R.S.I. Evidentemente, não se pode esquecer que na paranóia há continuidade e não ligação entre os três registros e que a pesquisa do conceito de personalidade retomado por Lacan propõe questões inovadoras.

Entretanto, a interpretação pelo avesso, que visa exatamente o *sinthoma*, indica que a operação analítica privilegia o corte, a separação do Outro. Verifica-se que na direção da cura pode haver um duplo movimento, do lado do sujeito e do lado do ato analítico.

Indaga-se então, a partir desse duplo movimento de conjunção-separação inaugurado pelo ato analítico, o analista se fazer parceiro-sintoma e não parceiro-saber, como ensina Miller na *Convenção de Antibes*. Há que se considerar também a advertência feita por ele de que o analista pode ser rejeitado como objeto intruso e de que *alingua* não é instrumento de comunicação, mas bricolagem particular de cada sujeito.

Desde a tese de doutorado, Lacan interrogava a questão da transferência na psicose, o estatuto do amor nessa estrutura, considerando o laço erotomaníaco e o narcisismo que envia o sujeito ao duplo de sua própria imagem. Em seguida, Lacan indica a leitura do empuxo-à-mulher como realização de um gozo no corpo, resposta ao impossível da simbolização do sexual pela via fálica. Num terceiro momento, a questão da transferência será recolocada sobre os diversos tratamentos do gozo,

privilegiando a vertente dos signos, das insígnias traçadas no corpo, dos modos de vida, mais que o sentido da linguagem. As conexões possíveis entre os três registros serão indicadas pelo sujeito ou pelo ser falante em cada caso particular.

Em uma publicação sobre o tema *Pertinences de la psychanalyse appliquée*, que reuniu diversos trabalhos do Campo Freudiano, particulariza-se o artigo de Jean-Pierre Deffieux (2003), *Le sujet paranoïaque et le transfert en institution*, no qual o autor diferencia a transferência que tem lugar nas práticas institucionais, e propõe manejos diversos, mas como uma mediação, um tempero, uma regulação nos transbordamentos da transferência e a invenção de um laço social mais pacificado do psicótico com seu meio.

Portanto, para os sujeitos psicóticos a transferência estará incluída na direção da cura, nos manejos diversos que o trabalho particular trará. O conceito de transferência na psicose é completamente diverso daquele empregado na neurose. É preciso lembrar que na gênese da transferência está o significante do desejo do Outro, o desejo de saber. O rechaço do inconsciente na psicose não exclui o lugar do analista, apenas lhe determina outro lugar onde um tratamento será eventualmente possível.

O Campo Freudiano continua na atualidade o trabalho de investigação sobre o tema da psicose ordinária porque é importante aprender com a experiência do real: as peças avulsas que destacamos de seu uso natural constituem os objetos a presentes na vida contemporânea, com o uso do gozo, a costura das peças avulsas do corpo, do sintoma, da invenção de um substantivo qualquer na condição de nome próprio, da letra. Essa experiência reexamina o paradigma constante, o sujeito e o Outro, na perspectiva do último ensino de Lacan.

5 A PSICOSE É QUESTÃO DO SUJEITO E DO FALASSER (*PARLÊTRE*)

A questão do sujeito e do falasser (*parlêtre*) se insere em uma oposição intrínseca, representativa dos dois momentos do ensino de Lacan e que merece ser discutida como temática que conclui esta dissertação. Para isso, será trabalhada em torno de três perspectivas, alternativa possível diante da diversidade de opções que o tema sugere.

O conceito de sujeito em psicanálise foi indicado por Freud como sujeito do inconsciente e retomado por Lacan no inconsciente estruturado como uma linguagem, como sujeito representado pelos significantes, representação da qual resta o objeto *a*, resto irreduzível à significação. O sujeito sem substância, efêmero, subtraído do campo do Outro acarreta de várias maneiras a mudança de estatuto em relação ao real, simbólico e imaginário. Portanto, o sujeito é evanescente, vazio, uma função pontual. A falta a ser do sujeito é determinante para os intercâmbios com a moeda do desejo, pois o destino do humano está ligado ao signo de ser e como existência o sujeito é constituído desde o início como divisão.

O método empregado por Lacan na investigação que resulta na teoria da prática psicanalítica faz dialogar os conceitos com seus opostos, contrapondo: a falta e o ser, sujeito e falasser, sintoma e *sinthoma*, verdade e gozo, dentre outros. O sujeito será inscrito no discurso sem palavras, como seqüência algébrica nos quatro discursos, e topologicamente representado como estrutura espacial pela Banda de Moëbius. No último ensino, mais precisamente a partir do *Seminário R.S.I.* até o final da obra lacaniana, surge o termo que se contrapõe ao sujeito que é o falasser, termo

que decorre do Um do corpo, essencial quando se considera o tempo, a duração e o campo do real.

Para percorrer a questão enunciada no capítulo, optou-se por examiná-la sob ângulos diversos mencionados anteriormente, que são: 1. Um comentário sobre o artigo *Produzir o sujeito?*, localizado no capítulo *Estrutura e psicose* do livro *Matemas I* (1996) de Jacques-Alain Miller. 2. Uma releitura lacaniana do adjetivo *Unerkannt*. 3. Uma reflexão sobre o verbete *Forclusão* de Jean-Claude Meleval escrito para o Congresso de 2006 da AMP.

5.1 PRODUZIR O SUJEITO?

Em termos gerais, o argumento de Miller (1996) no capítulo *Estrutura e Psicose* pode ser assim resumido: para os sujeitos, quaisquer que sejam as estruturas, há a sujeição, uma alienação ao significante. Na neurose, a dependência ao campo significante é demarcada por um duplo movimento de alienação e separação do Outro. A separação do Outro é para o sujeito psicótico uma tarefa complexa, porque a falta a ser que permitiria esse movimento e que produz um sujeito a partir da causa do desejo é objetada pelo sujeito psicótico. Há o fracasso da metáfora paterna, de modo que o sujeito psicótico surge como resposta do real. A clínica psicanalítica das psicoses consiste em estudar essas respostas do real.

Miller (1996) evoca um exemplo da clínica de crianças relatada por Rosine Lefort para demonstrar que a castração, que participa da produção do sujeito psicótico, ocorre como castração real, e não simbólica, quando em um certo instante do seu tratamento a criança tenta cortar o próprio órgão com uma tesoura. Nesse exemplo, o objeto *a* é puro real, não está incluído na castração imaginária e não

funciona como causa do desejo. Os sujeitos psicóticos tentam, cada um à sua maneira, remediar tanto o fracasso da função fálica, portanto da metáfora, quanto a emergência do real. E ele conclui “a psicose é questão do sujeito – pois ela assim mesmo nos conduz aos confins de sua produção” (p.160). O que seriam os confins de uma produção subjetiva nessa estrutura?

A partir do *Seminário X*, Lacan opera uma torção radical no conceito de objeto, diferenciando várias de suas manifestações, e introduz várias faces do objeto *a*. Se na neurose o objeto participa da produção do sujeito cuja falta, castração e angústia se estendem do significante ao corpo, na psicose o objeto não pode ser destacado do campo do Outro. É condição para que o Outro se diferencie do Um a queda do objeto de seu campo.

Na psicose o objeto permanece do lado do sujeito como presença opaca e constante, diversamente interpretado, mas sempre acarretando o signo, sinal no real. Essa presença é verificada na voz e no olhar que participam da temática dos delírios, alucinações e dos imperativos que comandam as passagens ao ato e se configuram muitas vezes como única possibilidade de separação do gozo do Outro. Os testemunhos psicóticos enunciam o peso dessa presença.

Lacan (1985) descobre, a partir do *Seminário Mais ainda*, uma outra função importante do objeto *a*: como resto, lixo, letra, como efeito do discurso que faz passar do ser para o ter, este verbo em sua conotação jurídica, *fazer algo com*, uma reciclagem, um uso do objeto, com o qual o sujeito pode demarcar uma relativa separação do gozo avassalador. O ato psicanalítico pode contribuir para o sujeito encontrar destinos diversos para a letra, uma função de ponto de basta em uma cadeia infinita; pode criar a chance da bricolagem das peças avulsas do corpo, e por esse caminho cerzir um corpo despedaçado. Entretanto, é preciso cautela, pois tanto

Schreber quanto Joyce ensinaram que podem produzir, fazer algo, escrever, inventar - sem o psicanalista.

A produção do sujeito psicótico, conforme foi descrito anteriormente, percorre os registros Imaginário, Simbólico, Real, nos quais o estatuto do Outro e do sujeito se modificam em cada um desses nomes. Parece que a passagem do ser ao ter, fora do campo fálico, é o aspecto prevalente daquilo que se pode colher no ensino de Lacan sobre os confins da produção de um sujeito nessa estrutura. Há que se considerar e aprender com o objeto *a* para além da função causa do desejo ou objeto do gozo, mas como resto, levando em conta o lugar privilegiado que o objeto ocupa na sociedade contemporânea.

Produzir o sujeito a partir da deriva pulsional, do real, do objeto *a* como resto implica a partícula reflexiva. O sujeito se produz com as conseqüências possíveis ensinadas diversamente por Schreber, Joyce ou pelo sujeito que na apresentação de pacientes diz: “eu me criei a mim mesmo a partir da ordem de Deus”. Há, portanto, criação ou invenção produzida de maneiras diferentes do lado do ser e do lado do ter.

O trabalho sobre o gozo do corpo, o sintoma como acontecimento de corpo, delineado por Lacan em seu último ensino e desenvolvido por Miller (1998) a partir de 1986, em *Los signos del goce*, e do Seminário de 1998, *La experiencia de lo real em la cura psicoanalítica*, aborda o corpo afetado pelo acontecimento contingente, que mantém em relação ao significante um desequilíbrio permanente, um excesso de excitação. Afetos diversos que podem se configurar como angústia ou traumas atingem o ser falante, portanto estão fora do inconsciente, do outro lado da divisão subjetiva, onde há corpo.

É preciso lembrar que na tradução do *Seminário 20* de Lacan (1985) para o português, o título *Mais, ainda*, recobre o título original, *Encore*, passível de ser lido em duas vias: como “mais, ainda” e servindo-se da homofonia permitida pelo idioma francês, “no corpo”. Nesse *Seminário*, Lacan esclarece que o ser só existe na linguagem pelo corte que esta opera no real e demonstra que o ser é o real no simbólico.

O ser falante está inscrito como Um do corpo, como corpo próprio, mas não como unidade corporal. O gozo Uno apresenta versões diversas: gozo masturbatório, o gozo da palavra, situado fora da comunicação, e o gozo da sublimação. A particularidade do gozo Uno é que especifica o sinal do S1 sozinho.

Evoca-se, a título de exemplo, a paranóia, quando indica duas vertentes: a do sujeito, na articulação simbólica dos delírios de negação – de perseguição, de ciúme, erotomaniaco - que foram estudados por Freud e Lacan como manifestações de diferentes paranóias e a vertente do ser falante em suas modalidades de gozo, tal como o gozo do corpo em Schreber, como signo da presença real do que há da existência da relação sexual.

Lacan esclarece na lição de 10 de Maio de 1977, no *Seminário 24*: “O Um dialoga só, posto que recebe sua própria mensagem de forma invertida. É ele quem sabe e não o suposto saber”. Com isso ele indica um saber do Um, diverso do saber do Outro. O sujeito psicótico se serve dessa modalidade de saber fora da comunicação, conforme indicaram os exemplos precedentes, e que se verificam no emprego de *alíngua*, nos limites da estrutura indicados pelo ser falante.

No decorrer de sua obra, Lacan ultrapassa a acepção de produzir o sujeito como efeito do significante para abranger os sentidos da produção ex-nihilo, como criação, na qual o real está implicado, para além da escritura e da relação com o

nome do autor. No *Seminário 17*, afirma que só o discurso pode produzir, ordenar, mas no último ensino essa afirmativa parece um pouco modificada, pois as vicissitudes do corpo e do sintoma ampliam a vertente discursiva. A psicose ordinária, como se discutiu anteriormente, apresenta formas diversas de conexão entre real, simbólico e imaginário, com ordenamento fora do discurso.

5.2 UNERKANNTTE EM LACAN

Em 1975, em *Resposta a uma pergunta de Marcel Ritter* na introdução a uma sessão de trabalho realizada em Estrasburgo, Lacan (1994) resgata um adjetivo que aparece uma única vez empregado na obra freudiana, na *Interpretação dos sonhos*, mas cuja importância deve ser redimensionada principalmente porque Lacan o faz retornar no *Seminário 23* proferido nesse mesmo ano.

Marcel Ritter pergunta sobre o termo traduzido como desconhecido e articulado à questão do umbigo do sonho, um ponto de falha na rede significante. Ele indaga se é um real pulsional, não simbolizado.

Lacan responde que não se trata de real pulsional, mas diz que a pulsão está ligada aos orifícios corporais. É indicada por Freud uma constância que passa pelos orifícios do corpo, um elemento de real, um real como consequência da impossibilidade do simbólico, designativa do ponto limite de uma análise, que surge no umbigo do sonho e nas produções imaginativas.

Esclarece que a expressão *ser falante* é outra designação de inconsciente, na qual o ser se encontra excluído de sua própria origem. Por isso Freud encontrou no sonho esse estigma comum a todo vivíparo, uma cicatriz no corpo que faz nó. O prefixo Un, em alemão, designando a impossibilidade, o limite, o impossível de se

reconhecer, foi trabalhado por Lacan em termos da lógica como o que *não cessa de não se escrever*, que constitui a própria essência do nó borromeano.

No *Seminário 23, Le sinthome*, Lacan (2005, p.149) indaga a relação de Joyce com o corpo próprio, estendendo o caráter imperfeito dessa relação a todos os seres humanos, porque o inconsciente ignora aquilo que ultrapassa o significante, ignora o que se passa no corpo. Segundo Lacan, “a antiga noção de inconsciente, o *Unerkannt* se apóia na nossa ignorância do que se passa em nosso corpo” (tradução nossa).

Nesse mesmo *Seminário*, no anexo final, encontram-se comentários sobre termos diversos elaborados por Miller sob o título *Notice de fil em aiguille*. No tópico número 6, *De Schreber à Joyce*, há considerações sobre a expressão *deixar cair* da relação com o corpo próprio, essencial na psicose de Schreber, encontrada também nas modalidades de passagens ao ato e na defenestração melancólica. Miller indaga sobre o que cai nesses casos clínicos, argumentando que não é o sujeito do significante, que é sem substância, mas o sujeito enquanto seu ser está alojado no objeto *a*, e conclui dizendo que o corpo está necessariamente à parte.

Esse corpo à parte é evidenciado principalmente nas psicoses, portanto não há sujeito, mas o ser falante e o corpo próprio no limite irredutível, infranqueável, limite do real.

5.3 FORCLUSÃO

Para dialogar com o verbete *Forclusão*, escolheu-se uma das definições na vasta pesquisa efetuada pelo autor sobre esse conceito, colhida no livro de Jean-Claude Maleval *La forclusión del Nombre del Padre* :

A forclusão é um conceito dinâmico que põe em relevo os recursos criativos do psicótico e abre novas possibilidades de tratamento, porque destaca as capacidades destes sujeitos para elaborar suplências. (MALEVAL, 2003, p.23)

O verbete escrito por Maleval para a publicação que aborda o tema do próximo Congresso da AMP é instigante porque trabalha aspectos diferenciais e com isso aclara o conceito de forclusão, considerado nos dois ensinamentos de Lacan. Abrange as psicoses ordinárias, que ele qualifica de fenômeno decorrente da elevação ao zênite do objeto *a*, posição do objeto que, por produzir modificações no ideal, repercute sobre a clínica contemporânea. Propõe perguntas desafiadoras e tece considerações muito pertinentes sobre o tema.

Maleval participou dos debates que compuseram as conversações citadas no capítulo quatro desta dissertação. Portanto, pode-se supor que a redação do verbete constitua outro tempo de sua elaboração sobre a passagem do Nome-do-Pai do singular ao plural e seus efeitos para a clínica da psicose.

Ele enfatiza a diferença entre a forclusão restrita e a forclusão generalizada - o delírio psicótico do delírio comum, daqueles que não são psicóticos. O delírio psicótico se deve à forclusão do Nome-do-Pai, escrito (P_0), enquanto a forclusão generalizada, que sublinha o vazio do Outro, é transestrutural e se escreve (A barrado). Por esse motivo, porque falta um significante no campo do Outro, o sujeito é convidado a reparar essa falta através do amor, do sintoma, da fantasia, do sonho, do delírio, dentre outras vias.

Maleval menciona a noção de clínica continuísta, que teve lugar na *Conversação de Arcachon*. Essa noção admite uma gradação no interior do capítulo das psicoses, mas alerta para o fato de não haver a mesma gradação entre neurose e psicose. Lembra ainda que os tipos clínicos são mais sensíveis às mudanças sociais do que as estruturas subjetivas, por isso deduz que as mutações

sintomáticas são verificadas na clínica contemporânea e que não se encontra a mesma correspondência nas estruturas subjetivas. Destacam-se duas perguntas dentre outras formuladas por Maleval: 1. As mudanças sociais induzem as mutações subjetivas? 2. A psicose ordinária é suscitada pela emergência do Outro que não existe?

Uma reflexão sobre essas perguntas conduz a alguns textos que talvez sejam esclarecedores. Freud, em mais de um artigo, tratou o lugar do pai como portador da interdição do incesto, fundamental para a economia psíquica, tanto quanto para o edifício social e religioso (LAURENT, 2005). No artigo *Les complexes familiaux dans la formation de l'individu*, Lacan (2001) diz que o Complexo de Édipo não se funda fora de uma determinação social, questão que é retomada por Miller no comentário sobre esse artigo. Esclarece que a imago paterna é encarregada da função de ideal e que aí se funda o Nome-do-Pai lembrando ainda que Lacan aponta na estruturação da neurose contemporânea o declínio da imago paterna, de modo que a estrutura sofre os efeitos não apenas das mudanças sociais, mas também da mudança discursiva. A questão é instigante, pertinente e atual, mas prosseguir em seus desdobramentos ultrapassaria os limites desta dissertação.

No artigo mencionado anteriormente, Laurent aborda a mudança produzida por Lacan em seu último ensino, quando funda o pai na posição de exceção, pois denuncia o fracasso, o limite da função. A esse respeito, extrai do Nome-do-Pai três atributos: o Nome-do-Pai é uma função – não define um universal ontológico – define um impossível. Conclui então que o utilitarismo social com frequência esconde o fracasso do Nome, questão amplamente justificada pelos exemplos que constam no artigo e que comentam o termo parentalidade, as novas constituições e utopias familiares.

Diante desses argumentos, constata-se que efetivamente o sujeito contemporâneo denuncia a forclusão generalizada, ou seja, o real, o impossível em jogo através da produção de novos sintomas com o efeito de suplência que Lacan considerou, desde seu *Seminário R.S.I.*, como indispensável para reparar a dissociação do nó borromeano. Esse é o motivo pelo qual ele justifica, nesse *Seminário*, a pluralização dos Nomes-do-Pai. Acrescenta-se que a forclusão restrita ou generalizada será verificada diante da produção literária e do caso clínico, nas construções de cada caso particular.

Quanto à suplência, conforme foi exposto anteriormente, encontra-se na obra de Lacan com empregos diferentes: no imaginário, pelas identificações e idéias, como metáfora delirante no registro simbólico, e suplência do nó borromeano através do nome. Deve-se destacar que na lição de 13.05.75 do *Seminário 22*, Lacan (1974) esclarece que essa nomenclatura diz respeito ao nome comum, que no imaginário faz inibição ao simbólico, tal como a reta infinita ou a inibição que tem o pensamento para com o nó. O simbólico demarca a suplência pela via do sintoma e no real, a angústia.

Quanto à psicose ordinária, não se trata de um novo tipo clínico decorrente de S de A barrado, embora a mudança de axiomática e o emprego da topologia promovidas por Lacan tenham franqueado a possibilidade de abordá-la dessa forma. Quando o lugar do Outro é circunscrito, o que não tem nome dentro do círculo pode ser escrito como S de A barrado. Isso que não tem nome aparece como gozo. Esse esclarecimento de Laurent (2003) é capital para situar a tarefa de tratamento do gozo conduzida por alguns sujeitos psicóticos.

A psicose ordinária ocupa um capítulo no qual as soluções encontradas pelo sujeito para fazer frente à falta irremediável de um significante no campo do Outro

acentuam as formas singulares de amarração dos três registros. Uma tentativa de ordenar uma existência, em um lugar fora, mas ao mesmo tempo ligado. Portanto, uma ex-sistência adequada à psicose, mas também curiosamente adequada às normas contemporâneas.

As questões em jogo são muito pertinentes e Maleval as atualiza através do verbete *Forclusão*. Verifica-se, entretanto, que o debate sobre o termo permanece, principalmente tendo em vista as indagações decorrentes do último ensino de Lacan.

6 CONCLUSÃO

O percurso no tema *Da paranóia à psicose ordinária* implicou várias travessias na pesquisa teórica empreendida sobre o tema da psicose. A primeira delas, situada no breve histórico do conceito de paranóia no âmbito da psiquiatria clássica que antecedeu cronologicamente o surgimento da psicanálise. Em seguida, os conceitos de paranóia e psicose se inserem no desenvolvimento mais amplo do corpo teórico psicanalítico. As hipóteses que resultaram na edificação das formulações de Freud encontraram em Lacan seu leitor mais instigante que tomou nas mãos a tarefa de conduzir uma descoberta demonstrando seus efeitos como prática através da aporia intrínseca ao próprio campo.

Foi possível vislumbrar, nesse percurso, as epistemologias que lhes deram suporte e percorrer o método que cada um desses grandes nomes empregou no esforço de construção de uma das áreas mais recônditas e temidas da experiência humana.

Nesta dissertação, a vereda histórica de um conceito se impôs, mas a psicanálise ensina que o tempo não é linear e se inscreve subjetiva e topologicamente. Coube a Lacan trazer para a psicanálise a solidariedade entre tempo e pensamento, verificável em vários conceitos, dentre eles a psicose.

A causa da psicanálise ocupa o lugar de agente em um discurso sem palavras é o que demonstra os dois momentos do ensino de Jacques Lacan, que resultaram na passagem da estrutura como simbólica para a estrutura como real. Nesses momentos, encontra-se a cada passo o diálogo com Freud, com a filosofia e com vários campos do conhecimento. O edifício conceitual se transforma diante da alteração da perspectiva e a psicanálise convida à leitura renovada.

As obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan, mais do que uma contribuição para a história da loucura, escrevem um capítulo essencial para a teoria mais ampla do sujeito e do objeto, sem descuidar dos efeitos produzidos pelas transformações sociais e culturais, sem deixar de indagar seu porvir.

A psicanálise de orientação lacaniana também ensina que o momento de concluir é geralmente propício para a extração de conseqüências situáveis em um tempo lógico. Principalmente quando se trabalha em torno de um real que produz seu próprio desconhecimento.

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA, J. **Manual de psiquiatria infantil**. Rio de Janeiro: Masson, 1985. p.3, 29, 42, 682.

ALVARENGA, Elisa. Devastação na psicose. In: **Os sexos e seus furos**. Revista Clique, n. 2. Agosto 2003. p.44-49.

BERMEJO, José Maria (org). **Grandes pintores del siglo XX**. Barcelona: Globus, 1994. p.3-7.

CASTANÉT, Hervé. Um sujeito no nevoeiro. In: **Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica: A Conversação de Arcachon**. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, 1998. p.19.

DEFFIEUX, Jean-Pierre. Le sujet paranoïaque et le transfert en institution. **Pertinences de la psychanalyse appliquée**. Paris: Seuil, 2003. p.129.

EY, Henri. **Tratado de psiquiatria**. Barcelona: Toray-Masson, 1969. p.500.

FORBES, Jorge (Org.) **Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica**. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, 1998. p.152, 168.

FREUD, S. Rascunho H. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 1. p.283.

FREUD, S. Rascunho K. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 1. p.299, 308.

FREUD, S. Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 3. p.183.

FREUD, S. Etiologia da histeria. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 3. p.215.

FREUD, S. A sexualidade na etiologia das neuroses. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 3. p.287.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 7. p. 123.

FREUD, S. Psicanálise. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 20. p.297.

FREUD, S. Feminilidade conferência, XXXIII. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 22. p.139.

FREUD, S. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 18. p.269, 273, 278.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 14. p.85, 112, 118.

FREUD, S. Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 14. p.297, 269, 273, 278.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 14. p.74, 271.

FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoidis). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 1.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 12. p.15-105.

FREUD, S. O Humor. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 21. p.21, 188, 193.

FREUD, S. Sexualidade feminina. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 21. p.21, 25.

FREUD, S. Um distúrbio de memória na Acrópole. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1969. v. 22. p.291.

LACADÉE, Philippe. A singularidade de uma realidade psíquica: a psicanálise aplicada a um caso de psicose ordinária. Rio de Janeiro: Revista Latusa, n. 10, Jun. 2005, p.207.

LACAN, J. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. Cap.1 e 2. p.157, 259, 354, 357, 358.

LACAN, J. O Seminário, livro 2: **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. p.311.

LACAN, J. O Seminário, livro 3: **As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.12, 20-157, 174, 286.

LACAN, J. O Seminário, livro 5: **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.149-184.

LACAN, J. O Seminário, livro 7: **A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p.48, 205-281.

LACAN, J. O Seminário, livro 8: **A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p.62, 379.

LACAN, J. O Seminário, livro 9: **A identificação**, 1962 (inédito).

LACAN, J. O Seminário, livro 10: **L'angoisse**. Paris: Seuil, 2004. p.130.

LACAN, J. O Seminário, livro 17: **O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p.11, 27-125.

LACAN, J. O Seminário, livro 20: **Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.14, 68, 69, 142-159.

LACAN, J. O Seminário, livro 22: **R.S.I.** (inédito), 1974. Lição de 13.05.1975. p.70, 57.

LACAN, J. O Seminário, livro 23 : **Le sinthome**. Paris: Seuil, 2005. p.45, 53, 54, 150, 152.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.569-589.

LACAN, Jacques. A agressividade em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.104, 112, 119.

LACAN, J. De nossos antecedentes. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.69-76.

LACAN, J. Formulações sobre a causalidade psíquica. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.152, 163.

LACAN, J. Allocution sur les psychoses de l' enfant. In: **Autres Écrits**. Paris: Seuil, 2001. p.361.

LACAN, J. Les complexes familiaux dans la formation de l'individu. **Autres écrits**. Paris: Seuil, 2001. p.23.

LACAN, J. Présentation des Mémoires d'un névropathe. In : **Autres écrits**. Paris: Séuil, 2001. p.213, 215.

LACAN, J. Introdução a los nombres del padre. In: **De los nombres del padre**. Buenos Aires: Paidós, 2005. p.65-67.

LACAN, J. Lo simbólico, lo imaginario y lo real. In: **De los nombres del padre**. Buenos Aires: Paidós, 2005. p.11, 65.

LACAN, J. O seminário, livro 24: **L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre**. (inédito), 1977.

LACAN, J. Respuesta a Marcel Ritter. In: **Estudios de Psicossomática**. Buenos Aires: Atuel, 1994. v. 2. p.9.

LACAN, J. **Lacan in Italia**. Roma: La Salamandra, 1978. p.37

LAIA, Sérgio. **Os escritos fora de si**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.224.

LAURENT, Eric. Les traitements psychanalytiques des psychoses. In: **Traitements psychanalytiques des psychoses**. Belgique: Les Feuilletts du Courtil, n. 21. Février, 2003. p.7, 12.

LAURENT, Éric. As psicoses e seus limites. In: **Versões da clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p.111-189.

LAURENT, Éric. Vigência de três exigências deduzidas dos ensinamentos de Lacan sobre as psicoses. In: **Versões da clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p.7, 12.

LAURENT, Eric. Interpréter la psychose au quotidien. **La psychose au quotidien**. Institut du Champ Freudien, Paris, 2005. p.10,18. Disponível em : www.wapol.org. Acesso em : jan. 2006.

LAURENT, Eric. Le Nom-du-Père entre réalisme e nominalisme. La cause freudienne. Paris: Navarin, 2005. n. 60. p.131.

LAURENT, Éric. Chomsky com Joyce. Opção Lacaniana, n. 2. Disponível em: www.ebp.org. Acesso em: jan. 2006.

LECOEUR, Bernard. Note sur la psychose ordinaire. **Traitements psychanalytiques des psychoses**. Belgique. Les Feuilletts du courtil, n. 21, Février, 2003, p.25.

LEDOUX, Michel. **Conceptions psychanalytiques de la psychose infantile**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984. p.18, 99,118, 146,183.

MALEVAL, Jean-Claude. Forclusão. In: **Silicet dos Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de psicanálise, 2005. p.60.

MALEVAL, Jean-Claude. **La forclusión del nombre del padre**. Buenos Aires: Paidós, 2002. p.23, 41, 78, 79, 125, 133, 136,130,104,240, 275, 277, 415.

MANDIL. Ram. **Os efeitos da letra**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2003. p.131,137.

MAZZUCA, R. y cols. **Las psicosis**. Buenos Aires: Bregase 19, 2004. p.71, 130, 172.

MAZZUCA, R. y cols. **Las dos clínicas de Lacan**. Buenos Aires: Tres Haches, 2000. p.91, 126, 127.

MILLER, J-A. **Los signos del goce**. Buenos Aires: Paidós, 1998. p.258-434.

MILLER, J-A. (Org). **Pertinences de la psychanalyse appliquée**. Paris: Seuil, 2003.

MILLER, J-A. Biología lacaniana e acontecimientos de corpo. Opção lacaniana, Revista Brasileira Internacional de psicanálise, Dez. 2004, n. 4, p.7.

MILLER, J-A. Biologie lacanienne et événement de corps. **La cause freudienne**. Paris : Navarin, 2000. n. 44. p.7-59.

MILLER, J-A. (Org.). **La psychose ordinaire**. Paris: Seuil, 1999. p.14, 45, 81, 147.

MILLER, J-A. (Org.). **Comentario del seminario inexistente**. Buenos Aires: Manantial, 1992. p.11.

MILLER, J-A. (Org.) **Le Conciliabule D'Angers**. Paris: Seuil, 1997. p.9, 16, 225, 227.

MILLER, J-A. **Matemas I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, Cap. 3 e 4. p.117-173.

MILLER, J-A. **La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica**. Buenos Aires, 2003. p 216-384.

MILLER, J-A. **El Otro que no existe y sus comités de ética**. Buenos Aires: Paidós, 2005. p.121,256.

MILLER, J-A. Pièces detachées. La cause freudienne. Paris: Navarin, 2005. n. 61. p.131.

NAVEAU, Pierre. **Les psychoses et le lien social**. Paris: Anthropos, 2004. p.2-85, 205, 233, 208.

RECALCATI, Massimo. **Clínica del vacío: anorexial, dependencias, psicosis**. Madrid : Síntesis, 2003. p.212.

SCHREBER, Daniel Paul. **Memórias de um doente dos nervos**. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p.21, 22, 233.

SHEJTMAN, Fabian. De la negacion al seminário 3. In: **Las psicosis**. Buenos Aires: Berggasse 19, 2004. p151-173.

STEVENS, Alexandre. L'effort pour traduire un regard. La psychose au quotidien. Institut du Champ Freudien. Paris, 2005. p.50-58. Disponível em : www.wapol.org. Acesso em : jan. 2006.

WACHBERGER, Herbert. L'anée Dali. La cause freudienne. n. 61. Paris: Navarin, 2005. p.195.

Periódicos

Carretel – Psicoanálisis con niños, Regista de la Diagonal Hispanohablante, Red Cereda, Madrid, 2009, n. 5

Réseau International d'institutions infantiles (RI 3), Champ freudien – **Traitements sua la durée- Logique du temps en institution**, Bruxelles, Dumortier, février 2003.